

ARTHUR AZEVEDO

869.9244
A. 994



DRMA
869.92
A. 994

FILHA DE MARIA ANGÚ

Adaptação brasileira da opereta

LA FILLE DE MME. ANGOT

DE

SIRAUDIN, CLAIRVILLE E KONING

Musica de Lecocq



NOVA EDIÇÃO, ALTERADA

RIO DE JANEIRO

Imprensa a vapor H. Lombaerts & Comp.

7, Rua dos Ouriques

1893

Personagens

em 1876

em 18

Clarinha Angu	D. Rosa Villiot	D. Blanche
Chica Valsa	» Delmary . . .	» C. Mass
Angelo Bitu	Sr. Silva	Sr. Colás
Sampalo	» Arêas	» Bahia
Barnabê	» Heller	» Peixoto
Sota e Az	» Vasques	» Frederi
O escrivão	» Lisboa	» Leonardo
Cardoso	» André	» Araujo
Guilherme	» Leal	» F. Mat
Botelho	» Araujo	} » João
Uma autoridade	» Costa	
Um typo	» Pedro	» Serra
O juiz da festa	» Machado	» Guimar
Chica Pitada	D. Izabel	D. Adeline
Gaivota	» Idalina	} » Olympia
Genoveva	» Euphrasia . . .	
Babu	» Euphrasia . . .	» Amalia
Therêza	» Deolinda	» Guion
Leonor	» Idalina	» Luiza
Cydalisa	» Rosa	» Virginia
Mlle. X	» Soulangue . . .	» Joanna

Operarios, jogadores, urbanos, festeiros, cocottes,
de policia, pessoas do povo, etc.

A acção do 1º e 3º actos passa-se na freguezia de M
e a do 2º na cidade do Rio de Janeiro, em 1876.

A FILHA DE MARIA ANGU

ACTO PRIMEIRO

Praça publica em Maria Angú. A' esquerda uma casa com este letreiro :
«Barnabé, barbeiro e sangrador. Aplica bixas.» Ao fundo, uma grande
fabrica com este letreiro : « Fabrica de flação e tecidos. Pinho
& Companhia ».

SCENA PRIMEIRA

BOTELHO, CARDOZO, GUILHERME, GAIVOTA, THEREZA, OPERARIOS,
depois BARNABÉ

CORO.

Que prazer,
Que alegria
Deve haver
Neste dia !
Pois Clarinha
Casadinha
Emfim nós vamos ver !

OS HOMENS, *á esquerda.*

Olá ! Olá ! Barnabé ! Olá !

BARNABÉ, *apparecendo á janella.*

Aqui estou !

A FILHA DE MARIA ANGU

TODOS.

O Barnabé lá está !

BARNABÉ'.

Já lá vou! (*Desapparece*).

UNS.

Que pressa tem !

OUTROS.

Faz muito bem

AS MULHIRES, *á direita.*

Clarinha ! Clarinha ! Clarinha !

BABU', *apparecendo á janella.*

'Stá se apromptando a sinhasinha.

TODOS.

Que diz a mulatinha !

BABU'.

Mas não se póde demorar,
Pois o véo já foi collocar.

BARNABÉ', *sahindo de casa, vestido de noivo.*

Gentis amigos meus,
Aqui estou ! aqui estou !
Eu sou feliz, meu Deus !

COPLAS.

I

Inda um sonho me parece
Tudo quanto aconteceu !

Toda a minh'alma estremece
Estremece o peito meu !
Todo o mundo agora inveja
O prazer que vou sentir...
Vou solteiro entrar na igreja
E casado vou sahir !

Vendo as coisas neste pé,
Sinto dentro um quer que é !

CORO.

Nosso amigo Barnabé
Sente dentro um quer que é !

BARNABÉ'.

II

Vae chegar a noiva amada
Nos seus trajes virginaes !
Vae chegar envergonhada,
E mais bella, muito mais !
Meus senhores e senhoras,
Tenham compaixão de nós :
Não nos massen muitas horas...
Nós queremos ficar sós !

Vendo as coisas neste pé, etc.

BABU', á janella.

Ahi vae a noiva bella !

BARNABÉ'.

Ah ! é ella !

TODOS.

E' ella !

A FILHA DE MARIA ANGU

SCENA II

Os mesmos, CLARINHA, vestida de noiva e acompanhada pela madrinha de casamento.

CORO.

Ai ! como vem galante !
Assim tão elegante
Ninguém ha !
Meu Deus, está tão linda !
E' mais bonita ainda
Vestida como está !

Durante toda esta scena, Clarinda deve conservar os olhos baixos).

OS HOMENS.

Vem abraçar a gente !

AS MULHERES.

A nós primeiramente !

BARNABÉ' .

Vão amarrotar-lhe o vestido !
Abraça apenas teu marido !

CLARINHA

Da mesma fôrma amarrotal-o-ia !

CARDOSO, *repellindo Barnabé.*

Sim ! sim ! Pr'a traz !

AS MULHERES.

Então, Clarinha,
Que dizes tu d'esta festinha ?

CLARINHA.

Que digo eu ?

AS MULHERES.

Falla !

CLARINHA.

Não sei.

ROMANÇA.

I

Meus qu'ridos paes, vós dissestes-me um dia
Que era preciso de estado mudar :
Contrariar-vos eu não pretendia,
E consenti sem me fazer rogar.
Mas, com franqueza, aqui digo e sustento
Que ignoro ainda em que me vou metter...
Que poderei dizer do casamento ?
Eu nada sei, nada posso dizer...

CORO.

Candura só Clarinha tem !

BARNABÉ'.

Ella nada sabe ! Ainda bem !

CLARINHA.

II

Aqui fiquei, orphansinha innocente,
E resolvestes mandar-me educar ;
Tudo aprendi, isto é, tão somente
O que uma moça não deve ignorar.

Fui até hoje ajuisada e modesta,
E de hoje em diante de certo o serei ;
Mas só direi o que penso da festa
Quando souber, pois por ora não sei...

CORO.

Candura só Clarinha tem !

BARNABÉ.

Ella nada sabe ! Anda bem !...

BOTELHO.

Para a Matriz marchar sem mais demora !

CARDOSO.

Para a Matriz ? Cedo inda é !
Temos por nós inda uma hora,
Para cahir n'um balancé !

BARNABÉ.

Vou para perto da Matriz,
Sentar-me vou no chafariz,
Pois junto ao templo do hymineu,
Mais paciencia terei eu !

CORO.

Pois dito está !
Vamos pr'a lá !
Que prazer, etc.

SCENA III

Os mesmos, CHICA PITADA.

CHICA. — Ouçam !

TODOS. — Que é ?

CHICA. — Um obstaculo se oppõe ao casamento !

Todos. — Um obstaculo !

BARNABÉ. — Bonito !

CHICA. — Não é coisa de cuidado. Socoga, Barnabé, que não te foga a noiva ! Trata-se de uma pequena contrariedade. Vou dizer o que tenho a dizer, mas é preciso que Clarinha não esteja aqui. (*Levando-a para a casa.*) Entra por alguns momentos... vae...

Todos, *entre si*, murmurando. — Que será ? Um obstaculo !

SCENA IV

Os mesmos, menos CLARINHA e BABU'

GUILHERME. — Vamos ! Desembuxe ! Que ha de novo ?

Todos. — Falle ! Falle !

BOTELHO. — Vamos, senão rebento !

BARNABÉ. — Estou em brasa !

CHICA. — Lá vae, rapazes ! Sabem vocês que nos metemos em boas ?

CARDOSO. — Quaes boas, homem ?

CHICA. — Quando a defunta Maria Angú morreu, pobre que nem Job, ella que tinha tido tanto dinheiro, e deixou no mundo uma filhinha que, com a graça do Senhor, nasceu no hotel Ravot, lá na Corte...

Todos. — Sim, sim ! E que mais ?

CHICA. — Não estivemos com meias medidas, heim ? Dissemos todos á uma : Já que a pequena não tem pae, nem mãe, ha de ser filha da gente cá da fabrica ! Foi dito e feito, rapazes ! Vocês ficaram sendo paes, (*ás mulheres*) e nós mães ! Ora ahí está !

THEREZA. — Até ahí morren o Neves.

GUILHERME, *meio triste*. — Mas para que diabo vir cá lembrar essas coisas ?

CHICA. — Essas coisas pouco têm que ver com o que lhes quero contar. O caso é que trasant'hontem fizemos uma grande asneira.

Todos. — Uma asneira !

CHICA. — Para podermos casar a pequena, como não havia certidão de idade, fomos ao Sr. vigario e declaramos que ella era filha do alferes Angú e de sua mulher, D. Maria Ernestina de Carvalho Angú.

Todos. — E d'ahi ?

CHICA. — D'ahi é que a pequena tem vinte annos e ha vinte e dous que o alferes Angú deu a casca !

CARDOSO. — Nem tal nos passou pela cabeça !

BOTELHO. — Mas havia de passar pela do alferes...

CHICA. — Não me interrompam ! Hontem mandaram uma carta anonyma á comadre do Sr. vigario, dizendo que a Clarinha entrou neste mundo dous annos depois que o pae sahio !

BARNABÉ. — Que é lá isso ? Então minha noiva não é filha do seu pae ? De quem então é ella filha ?

CHICA. — Valha-me Nossa Senhora ! Não ha de ser de outro sinão daquelle sujeito rico que lhe dava cama e mesa no hotel Ravot.

BARNABÉ. — A quem ? Ao pae de minha... ?

CHICA. — Não : á mãe... Era um barão muito rico !

BARNABÉ. — Quem ?... a mãe ?

CHICA. — Não : o pae !

BARNABÉ. — O pae de minha noiva um barão ! Que honra, meu Deus ! que honra para um barbeiro sangrador ! O' seu Botelho, o pae, sendo barão, a filha que vem a ser ?

BOTELHO. — Barôa !

CARDOSO. — Continue, tia Chica Pitada. Que tem a comadre do Sr. vigario com o que nos acaba de contar ?

CHICA. — A comadre nada ; mas diz o Sr. vigario que é preciso por força arranjar-lhe outro pae.

TODOS. — Ah !

BOTELHO. — Se o noivo estiver pelos autos !

BARNABÉ. — Eu ? Ora essa ! Não me caso com o pae, caso-me com a filha !

GUILHERME. — E pódes levantar as mãos para o céu ! Aquillo é mesmo uma teteia !

GAIVOTA. — Nós, que lhe servimos de paes e de mães, não olhámos a despezas para dar-lhe uma educação esmerada.

CARDOSO. — Foi creada como uma marquezã !

CHICA. — Pódes dizer uma princesa, porque o foi no collegio das irmãs de caridade.

GUILHERME. — Razão pela qual ficou com um ligeiro sotaque francez que lhe dá muita graça.

THEREZA. — E que jaisinho o della ! Como é modesta... innocente... !

BARNABÉ. — Oh ! lá innocente, é ella ! Por isso metto eu as mãos no fogo !

CARDOSO. — E ainda te queixas ?

BARNABÉ'.— Tão innocente que não se atreve nem a olhar para mim que sou seu noivo !

CHICA.— Que differença entre a mãe e a filha !

BARNABÉ'.— E' verdade : vocês que conheceram como as palmas das mãos essa famosa Maria Angú, que deu nome a esta freguezia, digam-me : é verdade tudo que contam a seu respeito ?

CHICA.— Se é verdade ? Ora essa ! Ouve lá, meu rapaz !...

COPLAS.

I

Na fabrica do Pinho
Ainda a encontrei ,
Era um santo Antoninho
Onde é que te porei !
Se accaso lhe tocava
Algum sujeito, zas !

(Deita as mãos nas ilhargas)

Aqui as mãos botava
E agora vel-o-has !
Arrogante,
Petulante,
Tendo uns cobres no bahú,
Respondona,
Gritalhona,
— Era assim Maria Angú !

CORO.

Arrogante, etc.

CHICA.

II

Andou por Sorocaba,
Por Guaratinguetá,
Por Pindamonhangaba,
Por Jacarepaguá.
Depois em Caçapava
Um certo capitão

Vendeu-a como escrava
 E foi pr'a correcção !
 Parahyba,
 Guaratiba,
 Chapéo d'Uvas, Iguassú,
 Itapoca,
 Ayuroca,
 Tudo vio Maria Angú !

CORO.

Parahyba, etc.

CHICA.

III

Emfim, por toda a parte
 Depois de muito andar,
 Sem mais tirta nem guarte
 Na Côrte foi parar ;
 Um barão com grandeza
 Por ella se enguiçou,
 E deu-lhe cama e mesa
 No grande hotel Ravot !
 Arrogante, etc.

CORO.

Arrogante, etc.

BARNABÉ'. — Tudo isso é muito bom, mas vamos, vamos, que se vae fazendo tarde ! Eu sinto uma vontade de me casar...

VOZES, *fóra*. — Viva o *Imparcial* ! Viva o nhô-nhô Bitú !

TODOS. — Que é isto ? Que barulho é este ?

CHICA. — Ora o que ha de ser ? E' o vagabundo do nhô-nhô Bitú !

GUILHERME. — Que ? ! Pois já sahio da cadeia ?...

THEREZA. — Elle pára lá na prisão !...

CANDOSO. — Não sei como diabo tece os pausinhos ! O Sr. subdelegado, que não é para graças, manda prendel-o todas

as semanas, e d'ahi a tres dias apparece de novo o jornal!...

GAIVOTA. — Mas porque o prendem?

CUICA. — Pois não sabes que elle é republicano, e escreve artigos contra o Sr. subdelegado, que faz o que entende? Manda quem póde! E a graça é que está prohibida a leitura do *Imparcial*, sob pena de tres dias de prisão e multa correspondente .. a tres mezes!

BARNABÉ. — Se esse passaro de arribação se contentasse com escrever gazetas contra a autoridade, era bem bom; mas arrastar a aza á minha noiva!...

BOTELHO. — Lá nesse ponto, Barnabé, podes estar socego.

GUILHERME. — Ora adeus! cá estamos nós!

OS HOMENS. — E tambem nós!

AS MULHERES. — E então nós? e então nós?

BARNABÉ. — Vocês têm razão, meus estimados sogros e sogras; quando uma rapariga tem tantos paes e tantas mães, não se deve temer um seductor! (*Rumor fóra*).

THEREZA. — Lá vem nhô-nhô Bitú!

GUILHERME. — Safemo-nos d'aqui!

CARDOSO. — Pelo contrario. E' preciso que elle saiba que Clarinha vai casar-se.

BITU', *fóra*. — Meu povo, d'aqui a nada apparece o *Imparcial*! A assignatura são cinco mil réis por trimestre, pagos adiantados! Numero avulso, cem réis! (*Entrando*). D'aqui a pouco será distribuido o interessante e energico periodico o *Imparcial*! Vem descompustura bravia! Viva a liberdade de imprensa!

VOZES, *fóra*. — Viva! viva!...

SCENA V

Os mesmos, BITU'.

BOTELHO. — Então, já sahio do chilindró, nhô-nhô Bitú?

BITU'. — Olé! que chiquismo!

GUILHERME. — Mais dia, menos dia, o senhor é enforcado alli ao largo da Matriz!

BITU'. — Não creia nisso, mestre Guilherme; fui hoje solto pela quinquagesima primeira vez; mas é muito provavel que me prendam d'aqui a pouco, logo que se distribua o *Imparcial*, para ser solto amanhã. E que fazem vocês, infelizes

filhos de Maria Angu? Que fazem vocês que não reagem contra as arbitrariedades de um burlesco fanfarrão, arvorado em autoridade policial? Mas, ora adens! diz o ditado « o boi solto lambe-se todo »; eu mesmo prezo lambe-me bem. .

BARNABÉ'. — Então você é boi?

BITU'. — Já estabeleci na camara municipal, isto é, na cadeia, o meu escriptorio de redacção.

CARDOSO. — Mas o Sr. quem é e de onde veio, não nos dirá?

BITU'. — Pergunta bem a quem não lhe pôde responder. Todos sabem a minha historia, menos eu, que ignoro quem sou, de onde vim e para onde vou. Aqui onde me veem está um grande homem! Abraço as idéas do seculo e pugno pela nobre causa da democracia! Em 1867 tentei proclamar uma pequena república na ilha dos Ratos!... Foi a falta de metal sonante que me privou de fazer lavrar a minha santa propaganda...

BARNABÉ', *aparte*. — Santa propaganda! nunca vi esta santa na folhinha!

BITU'. — Mas para que todo este apparatus?

BARNABÉ', *aparte*. — Um bonito nome! Propaganda!

CHICA, *a Bitú*. — Temos hoje um casorio.

BARNABÉ', *aparte*. — Quando tiver uma filha, hei de chamal-a Propaganda!

BOTELHO, *mostrando Barnabé*. — E o futuro está presente.

BITU'. — Pois é este paspalhão? Estou passado!

BARNABÉ'. — Paspalhão é elle!

BITU'. — Meus sinceros parabens, mestre Barnabé.

BARNABÉ'. — Aceito os parabens, mas engula, engula o paspalhão!

BITU'. — Pois engulo, essa não seja a duvida.

BARNABÉ'. — E não engulisse!

BITU'. — E com quem se casa este pax-vobis?

BARNABÉ', *entre dentes*. — Insolente!

CARDOSO. — A noiva é a nossa filha

CHICA. — A filha dos operarios da fabrica!

Todos. — Clarinha!

BITU'. — Clarinha? Ah! é a Clarinha? (*Inclinando-se diante de Barnabé*) Nova edição de parabens!

BOTELHO. — A proposito, meu escrevinhador de gazetas: tenho a lembrar-lhe que a honra de nosso futuro genro nos é tão preciosa como a nossa, ouvio?...

CARDOSO. — E que se algum pelittra tivesse o desaforo de... Percebe?

GUILHERME. — Tinha de se haver connosco, entende?

OS HOMENS. — Com todos nós!

AS MULHERES. — E então nós!

BITU'. — Que querem vocês dizer na sua?

CARDOSO. — Simples advertencia, nhô-nhô. Agora, rapaziada, vamos embora!

TODOS. — Vamos embora!

côno.

Arrogante
petulante, etc., etc. (*Saem todos*).

BARNABÉ', *voltando e batendo no hombro de Bitú.* — Sim, fique prevenido que ..

BITU'. — Ah! elle é isso? (*Avança para Barnabé, que corre e desaparece*).

SCENA VI

BITU', só.

Com que então ella casa-se... apesar de todas as suas promessas, apesar do juramento, que lhe fiz, de matar-me, se se ligasse ao paspalhão do barbeiro! Olhem que é mesmo um paspalhão! Mas, enfim, louvado Deus, não me hão de faltar consolações, e, para prova, aqui está uma cartinha que acabo de receber pelo correio. (*Lendo*): "Sr. Angelo Bitú. Uma pessoa que vela pelo senhor e se desvela pelo seu bem estar, espera que depois d'amanhã se ache no largo do Rocio, na Côrte, ás quatro horas da tarde, junto ao kiosque que fica em frente á rua do Sacramento, e siga a preta velha que lhe disser: venho da parte d'aquella que vela e se desvela pelo senhor." (*Declamando*). E com tanta vela estou ás escuras! Não importa! Tomarei o trem das dez... Naturalmente esta carta é escripta por uma mulher. (*Cheirando a carta*). Isto não é cheiro de homem...

RONDO'

Eu gósto muito da Clarinha,
Mas não me devo entristecer,
Poís quero crer que esta cartinha
Consolação me vem trazer.

Este perfume capitoso
Revela esplendida mulher,
Que, desejando arder em goso,
Nos labios seus meus labios quer!

Eu gósto muito da Clarinha,
E ser quizera o esposo seu;
Digam, porém, se é culpa minha
Coisa melhor baixar do céu!

Esta carta mysteriosa
Me poz, confesso, o juizo a arder!
A mão que fez tão bella prosa
Ancioso estou por conhecer!

Eu gósto muito da Clarinha;
Ella, porém, vae se casar...
Passou-me o pé a sinhasinha,
Hei de lhe o pé também passar!

De mais a mais este mysterio
O meu espirito agitou!
Para saber se o caso é serio,
No trem das dez á Còrte vou.

Mas deixe estar, dona Clarinha,
Que, se me passa agora o pé,
Um bello dia será minha,
Ligada embora ao Barnabé!

SCENA VII

BITU', CLARINHA, BABU'.

BITU', *aparte*. — Ella!CLARINHA, *a Babú*. — Ouviste bem? Está alerta!

BABU'. — Eh, eh, sinhasinha! Veja o que faz!

CLARINHA. — Fica ali na esquina, e, se os vires, vem dizer-me depressa.

BABU'. — Ah, sinhasinha! No dia do seu casamento!
(*Aparte.*) Que fará depois? (*Sae*).CLARINHA, *indo resolutamente a Bitú*. — Então? Não me comprimentas pelo meu vestuario?BITU', *friamente*. — Minha senhora...

CLARINHA. — Não gostas de me ver assim vestida?

BABU'. — Se queres que te falle com franqueza...

CLARINHA. — O caso é que a estas horas eu já devia estar casadinha da silva...

BITU', *tristemente*. — Casada...

CLARINHA. — Mas achei um pretexto para demorar a cerimonia: escrevi uma carta anonyma ao vigário.

BITU'. — E a cerimonia foi transferida á ultima hora?

CLARINHA. — Infelizmente a carta não produziu um resultado completo.

BITU'. — E agora?

CLARINHA. — E' preciso procurar outro pretexto; não achas?

BITU'. — Se eu achasse, estava tudo arranjado.

CLARINHA. — Não te lembras de nenhum?

BITU'. — O mais simples é este: declaras que morres por mim e que eu morro por ti; que somos dous mórões, como dizia o outro.

CLARINHA. — Mas não me havias pedido que guardasse segredo?

BITU'. — Então não sabes porque? Porque nada sou, porque não tenho onde cahir morto... não passo de um simples jornalista da roça. A proposito: aqui tens o numero de hoje do *Imparcial*. Tem de ser distribuido d'aqui a pouco. Fstou só á espera do entregador; não o mostres por ora a ninguem.CLARINHA, *guardando o jornal*. — Eu já recusei desonove pretendentes. Bem sabes que meus paes e minhas mães fazem empenho em meu casamento com Barnabé. Eu não

tinha motivo algum para recusar-o, e, se o recusasse, seria affligil-os. Que me restava fazer, se tudo devo áquella boa gente?

BITU'. — Casas por gratidão, não é assim?

CLARINHA. — Não! não me caso, mesmo porque, se o fizesse, tu suicidavas-te.

BITU', *tirando uma grande faca*. — E suicido-me!... (*Como quem quer cortar o pescoço*).

CLARINHA. — Acredito... acredito... guarda a faca! (*Fal-o guardar a faca*). Vê o dilemma em que me acho: se me caso, matas-te; se não me caso, desgosto a meus paes e minhas mães. Ah! se minha verdadeira mãe estivesse em meu lugar, outro gallo cantaria!

BITU'. — Quem? Maria Angú?

CLARINHA. — Era mulher decidida! Para ella não havia obstaculo possivel!

BITU'. — Como diabo se sahiria a velha desta intallação?

CLARINHA. — E' nisso que estou parafusando...

BITU'. — Parafusemos...

DUETTO

AMBOS.

Esse pretexto desejado
Encontraremos, tu verás,
Pois diz um celebre ditado
Que a união a força faz.

CLARINHA.

Posso dizer que estou do ente.

BITU'.

Isso não péga! Tens tão boa côr!

CLARINHA.

Vou procurar coisa melhor.

BITU'.

Esse pretexto é deficiente.

CLARINHA.

Não! Não! Difficultoso está!
Maria Angú teria achado já!

AMBOS.

Maria Angú teria achado já!...

BITU'.

Se o Barnabé, o teu futuro,
Exp'rimentar a força do Bitú?

CLARINHA.

Queres dar-lhe?

BITU'.

Heim? que dizes tu?
Creio que enfim achei um furo!

CLARINHA.

Não! Não! Difficultoso está!
Maria Angú teria achado já!...

AMBOS.

Maria Angú teria achado já!...

BITU'.

Ao Barnabé prevenirás,
Para vêr se te renunciá,
Que tu, mais dia menos dia,
O enganarás...

CLARINHA.

Isso se faz. .
Mas sem se dizer.

BITU'.

Então, não sei que possamos fazer !

CLARINHA.

Eu tenho um meio extraordinario
Que póde evitar tamanho desgosto :
No momento em que o s'or vigario
Perguntar se caso por gosto,
Em vez de " sim „, eu direi " não !

BITU'.

Tu dirás " não „ ?

CLARINHA.

Eu direi " não „ !

BITU'.

'Stá dito então !
Ah ! que alegria em mim nasce !
Quero beijar-te a rubicunda face !

CLARINHA.

Vê que estou vestida assim !
Não queiras beijos de mim !

BITU'.

Oh ! que te importa o vestuario ?
Ainda não foste ao vigario !
Não me dás um beijo tu ?
A teus pés morre o Bitú !

ESCRIVÃO. — Na verdade, só por artes de berloques e berliques...

SAMPAIO. — E você comprehende que, se aqui sabem de minhas relações com aquella mulher, vai tudo raso!

ESCRIVÃO. — Se eu estivesse no lugar de vossa senhoria, bem pouco se me dava... Ora! um subdelegado!...

SAMPAIO. — Você é um bolas, seu escrivão! Pois não vê que sou chefe de família? Não tenho mulher, sou viuvo, mas adeus! ali estão tres filhas solteira... A proposito, seu escrivão: recebi hoje noticia que a Chiquinha voltou da Europa. E' preciso partirmos amanhã para a Côrte. Vamos estabelecer de novo a banca, que ha anno e meio me rendeu bem bom cobre. Você acompanha-me para evitar suspeitas, entende? E póde arranjar o seu gancho, servindo de ficheiro...

ESCRIVÃO. — As ordens de vossa senhoria serão cumpridas á risca.

SAMPAIO. — O que pretendo fazer, antes de partir, é entender-me com o tal Bitú. Sei que é um troca-tintas, e não hesitará em quebrar a penna, mediante algumas pellegas.

ESCRIVÃO. — Eu tambem estou convencido de que vossa senhoria alcançará mais com as pellegas do que com a cadeia. (*Vendo vir Bitú*). Olhe, a occasião é excellente.. elleahi vem..

SAMPAIO. — Afaste-se, mas não vá para muito longe. Olhe que o cabra é capoeira! Quando eu gritar...

ESCRIVÃO. — Cadeia com elle! As ordens de vossa senhoria serão cumpridas á risca. (*Sae*).

SCENA IX

BITÚ', S. MPAIO.

BITÚ'. — Separaram-se finalmente! Que amoladores serão estes?

SAMPAIO, *comsigo*. — Não sei por onde hei de principiar...

BITÚ', *comsigo*. — Que grande massante!

SAMPAIO, *comsigo*. — Ora! pelo dinheiro! (*Dirigindo-se a Bitú*). Não é ao celebre redactor do acreditado periodico o *Imparcial*, ao Dr. Angelo Bitú, que tenho a honra de...

BITÚ'. — O próprio. menos o doutor: não passei dos preparatorios.

SAMPAIO, *amavel*. — Aceite as minhas felicitações; sou entusiasta pelo seu talento... admiro os seus bonitos artigos...

BITU', *aparte*. — Apanho uma assignatura!

SAMPAIO. — Apontar os abusos, desmascarar os intrigantes, diffundir a instrucção é muito bonito, é muito louvável, é... Mas o senhor tem sido muito injusto para com um cidadão conspícuo, pae de tres filhas solteiras, que é constantemente injuriado nas columnas do *Imparcial*.

BITU'. — De quem se trata?

SAMPAIO. — Do subdelegado d'esta freguezia. O senhor não o conhece...

BITU'. — Não o conheço de vista, mas sei que é um refinado tratante!

SAMPAIO, *gritando*. — Sr. Bitú! (*Vendo o Escrivão que espia ao fundo*). Vá se embora! não ha novidade! (*O Escrivão desaparece*). O senhor sabe com quem está fallando?

BITU'. — Não tenbo a distincta...

SAMPAIO. — Eu sou o subdelegado!

BITU'. — O Sampaio?! .. Ah! Ah! Ah!..

DUETTO

BITU'.

Pois que! é o subdelegado?

SAMPAIO.

Sim, senhor: subdelegado!

BITU'.

Eu não tinha imaginado
Encontral-o agora cá!
Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!

SAMPAIO.

De que ri, não me dirá?

BITU'.

Eu não ligava o nome...

SAMPAIO.

Eu cá não me constranjo
P'ra propôr-lhe um bom arranjo :
E' matar o *Imparcial*,
Supprimir o seu jornal !

BITU', *altivo*.

Nem quero responder !

SAMPAIO, *aparte*.

(*Alto*).
Tratante, eu cá te entendo !
Se um bom conteco eu lhe off'recer?

BITU', *com dignidade*.

Então, quer me comprar ? Senhor, eu não me vendo !

SAMPAIO.

Pois bem ! Dous contos ! Quer ?

BITU'.

Senhor !...

SAMPAIO.

Então tres contos, sim ?

BITU'.

Tres contos ..

SAMPAIO.

Está dito ?

BITU', *aparte.*

Tres contos, safa! Um dote é bem bonito,
E não tem tanto o Barnabé!

SAMPAIO, *aparte.*

Oh, que bom! elle hesita! (*Alto*) Eu já propuz até
Tres contos!

BITU'.

Não!

SAMPAIO.

Dou quatro!

BITU'.

Não ha meio!

SAMPAIO.

Pois bem! pois bem! eu dou-lhe quatro e meio!

BITU'.

Não! Eu quero inda mais!

SAMPAIO.

Eu generoso sou.
Pois arredondo a conta e os cinco dou!

BITU'.

Cinco contos?

SAMPAIO.

Pegou?

BITU'.

Sim! aceito os cinco contos!

SAMPAIO.

E o seu jornal acabará ?

BITU'.

O meu jornal acabou já !

SAMPAIO.

E o senhor sae d'aqui ?

BITU'.

Já tenho os bahús promptos!
Quero ser pago já e já !

SAMPAIO.

Em minha casa o cobre está !

BITU'.

(Juntos)

SAMPAIO.

Sim senhor, fiz bom negocio !
Vou viver em santo ocio !
Cinco contos eu ganhei !
Sou mais feliz do que um rei !
Brevemente estou casado !
Viva o s'or subdelegado !
Viva, viva o meu jornal !
Viva, viva o *Imparcial* !

Sim senhor, fiz bom negocio
Co'este grande canadocio !
Cinco contos eu gastei,
Porém melhor viverei
Posso agora socegado
Ser um bom subdelegado !
Morra, morra o tal jornal !
Morra, morra o *Imparcial* !

(Sampaio sae).

SCENA X

BITU', depois BABU'.

BITU'. — Então, seu redactor do *Imparcial*, sabe você o que acaba de fazer ? Nada menos que vender a sua penna ! Vendel-a, sim ! Mas em que ha nisto mal ? Para velhaco, velhaco e meio. Eu gostava da Chiquinha Valsa como se póde gostar de uma mulher bonita. E' a brasileira mais franceza que eu conheço ! Ella andava tambem pelo bei-

cinho, e, durante o tempo que isso durou, passei uma vida de Lopes. Um dia appareceu este subdelegado em casa d'ella. Eu disse-lhe que não a queria em companhia de um matuto... Palavra puxa palavra... zangamo-nos... ella foi para a Europa... e o resultado foi perder eu a mina! Resolvi vingar-me d'este typo! Vim para cá, fundei o *Imparcial*, tenho-lhe dado bordoadas de crear bicho, e agora obrigo-o a gastar cinco contos de réis para tapar-me a boca. Isto é o que se chama habilidade, e o mais são historias!

BABU', *correndo*. — Saia! Depressa! Depressa! Ah! vem toda a gente! (*Reparando*). Uê! sinhasinha já foi?

BITU'. — Já. Vae ter com ella, e dize lhe de minha parte que já achei o pretexto que procuravamos.

BABU'. — O... que?

BITU'. — Pretexto. Não se póde fallar com gente inculta!

BABU', *repetindo a palavra para lembrar-se*. — Pretexto... pretexto... pretexto... pretexto... (*Sae. Rumor fóra*).

BITU'. — Elles ahi vêm! Coragem, Bitú! Um homem é um homem!...

SCENA XI

BITU, CARDOSO, GUILHERME, BOTELHO, CHICA PITADA, GAIVOTA, THEREZA, BARNABÉ, *depois* CLARINHA, *á janella*.

CARDOSO. — Não é preciso tanta pressa. Temos tempo.

BARNABÉ'. — Mas olhem que minha noiva deve estar com cuidados! Ella ignora o motivo da demora do casamento, e a estas horas suppõe talvez — coitadinha! — que algum obstaculo mais importante nos prive da ventura de pertencer um ao outro!

BITU'. — Se é só isso o que receia...

BOTELHO. — Ainda o nhô-nhô Bitú!

BITU'. — Eu estava aqui á espera de todos vocês.

TODOS. — Ah!

GUILHERME. — A' nossa espera!

BITU'. — Ah! vae tudo em duas palavras: casando-se aqui com o mestre barbeiro e sangrador, Clarinha sacrificava-se á gratidão que lhes deve.

BARNABÉ'. — Que diz elle?

CARDOSO. — Cala a boca! (*A Bitú*). Adiante!

CLARINHA, *apparecendo á janella, aparte.* — De que pretexto se lembraria elle?

BITU'. — O que é verdade é que eu e Clarinha nos amamos!

CLARINHA, *aparte.* — Que ouço!

BITU'. — Se até agora occultei esta circumstancia, é que estava pobre; mas hoje o negocio muda de figura.

CLARINHA, *aparte.* — Heim?

TODOS. — Explique-se...

BITU'. — Tenho cinco contos de réis!

TODOS. — Cinco contos de réis!...

BITU'. — Portanto o que vocês podem fazer de melhor é dizer ao Barnabé que volta ás suas navalhas e ao seu sabão, e aceitar-me em seu lugar.

BARNABÉ'. — Ah!

TODOS. — Oh!...

GUILHERME. — Então que dizem vocês a isto?

CHICA. — Digo é que tenho visto muito homem descarado, mas assim tambem, não!...

GAIVOTA. — Mas, dado o caso que Clarinha goste de você...

BARNABÉ'. — Deixe-se disso!

GAIVOTA. — E' uma supposição.

TODOS. — Sim... sim...

GAIVOTA. — Quem é você? Dende vem? Para onde vae? Sabe dizel-o?

BITU. — Querem saber quem sou? Sou um homem! Donde venho? Da Côrte, onde fui educado. . Aonde vou? Aonde o destino e meu cobre me levarem.

THEREZA. — E onde foi buscar esse dinheiro? Quem cabras não tem...

BITU. — Esse dinheiro? Arranjei-o com o *Imparcial!*

CHICA. — Pois é esse papelucho que lhe dá cinco contos de réis?

TODOS. — Ora! ora! ora!

CHICA. — Então pensa que nós comemos araras?..

BITU. — Mas eu asseguro-lhes que...

CARDOSO. — E quando assim fosse? Julga que vendemos nossa filha como você vendeu sua folha?

BITU'. — Mas eu já lhes disse que ella não gosta do Barnabé!

BARNABÉ'. — Isto revolta!

CARDOSO. — Cala-te, que vamos pôr tudo em pratos limpos. Precisamos entender-nos com ella.

BOTELHO.—Sim, está claro.

CARDOSO.—E quanto a você, seu imparcial, fique na certeza de que, se ella o ama, damos-lhe cabo do canastro!

CLARINHA, *aparte*.—Que ouço! (*Deixa a janella*).

GUILHERME.—E se ella o não ama, degolamol-o! (*Saem*).

BITU', *aparte*.—Estou mettido em bons lençoes; emfim...

BARNABE', *voltando*.—Sim! se ella o ama...

BITU', *ameaçando*.—Ai máo! ai máo!...

BARNABE', *fugindo*.—Eu não!... eu não!... (*De longe*)... dão-lhe cabo do canastro!... (*Sae*).

SCENA XII

BITU', só

Ah! seu Bitú, não bastam cinco contos para se alcançar quanto se deseja! E tinha você precisão de comprar a felicidade quando ella se lhe offerece gratis? (*Mostra a carta*). Accaso esta mulher, que tão depressa esqueci, este anjo mysterioso que vela e se desvela por mim, exige cinco contos de réis? Ingrato! idiota!... para teu castigo suprimirás a tua folha, mas tambem não receberás semelhante dinheiro, que te escaldaria as mãos!

SCENA XIII

BITU', UM TYPO, PESSOAS DO POVO.

O TYPO.—Alli está elle! alli está elle!...

BITU'.—Bonito! Ahi chegam alguns dos meus assignantes!

O TYPO.—Viva o redactor do *Imparcial*!

Todos.—Viva! viva nhô-nhô Bitú!

BITU'.—O *Imparcial* morreu, meus senhores! (*Aparte*). E sacrificio toda esta popularidade!

Todos.—Heim?

BITU'.—Morreu!

O TYPO.—Não póde ser! De hoje em diante quem defenderá os interesses da freguezia?

BITU'.—Procurem outro. Não esperem nada de mim. Amanhan piro-me para a Còrte!

Todos.—Ah!

O Typo. — Tu prometteste distribuir agora o jornal!
 Bitú. — Já lhes disse o que tinha a dizer!
 Todos. — Oh!

FINAL.

côro.

Nhô-nhô Bitú, venha o jornal!
 Sem mais tardar queremos lê-lo!
 Se não apparecer, a gente vae-te ao pello!
 E' já
 P'ra cá
 O *Imparcial*!

SCENA XIV

Os mesmos, CARDOSO, GUILHERME, BOTELHO, CLARINHA,
 CHICA PITADA, GAIVOTA, THEREZA, OPERARIOS.

Que será? Porque tanto alarido?

ASSIGNANTES.

E' Bitú que falta ao promettido!

OPERARIOS.

Bitú é coisa ruim,
 E o seu jornal pasquim!

ASSIGNANTES.

Não! não! não! não!
 E' antes um poltrão!

O TYPO.

Não quer mais uma vez
 Dormir lá no xadrez!

CLARINHA, *aparte.*

O *Imparcial* aqui vou ler,
E deste modo me faço prender!

CORO.

Mas elle prometteu, e nós queremos já!
Venha o jornal, senão apauhará!
O jornal! o jornal!
Nhô-nhô Bitú, venha o jornal! etc.

CLARINHA, *lançando-se no meio de todos.*

Ouçam lá!

BARNABE'.

Que vens aqui buscar?

CLARINHA.

D'esse jornal que tanto faz gritar
Eu consegui um numero arranjar!
Tenho-o cá,
E posso lel-o já!

BITU', *aparte.*

Que diz ella!

OPERARIOS.

Tu, a leres na rua!

BARNABE'.

E isto á hora de casar!

CARDOSO.

Pois esta pombinha sem fel
Tem a lembrança singular
De ler na rua este papel!

CORO.

Sim! vae ler e nos vamos ouvir!
Mas ella vae para a prisão...

BITU', *aparte*.

Eu tremo!

CLARINHA.

Haja attenção!

SCENA XX

Os mesmos, o ESCRIVÃO que entra e observa cautelosamente tudo quanto se passa.

CLARINHA, *lendo o jornal*.

COPLAS.

1

Esta maldita freguezia
De um grande abysmo á beira está;
Não tem o povo garantia,
Moralidade aqui não ha!
O famoso subdelegado
Do cargo seu não quer cuidar,
Porque leva esse desgraçado
Todas as noites a jogar!
E' isto, leitores, pregar no deserto,
E não vale a pena, não vale, de certo,
Qu'rer dar remedio a tanto mal
No independente *Imparcial!*

CORO.

E' isto, leitores, pregar no deserto, etc.

O ESCRIVÃO, *aparte*.—Ora espera! (*Sae*).

CLARINHA.

II

Conquanto viuvo e já cansado,
E com tres filhas a educar,
Tem o senhor subdelegado
Uma mulher particular.
Lá na Corte essa typa mora,
Casa de muito luxo tem...
Tudo quanto ella deita fóra
Paga este povo e mais ninguem!
E' isto, leitores, pregar no deserto, etc.

SCENA XVI

Os mesmos, o ESCRIVÃO, SOLDADOS.

ESCRIVÃO.

Prendam esta senhora!

CORO.

Ceós!

BITU'.

Isso não quero eu!
Allego sem demora
Que aquelle artigo é meu!

ESCRIVÃO E SOLDADOS.

Para a prisão sem tardar!

BITU'.

O preso devo ser eu!

ESCRIVÃO E SOLDADOS.

Para a prisão sem tardar!

A FILHA DE MARIA ANGU

BITU'.

Pois se aquelle artigo é meu!

ESCRIVÃO E SOLDADOS.

P'r' a prisão sem demorar!

BARNABE'.

Ai! fica o noivo em casa só,
E a noiva vae p'r'o chilindró!

CLARINHA.

Deixem, deixem que me prendam!
Vou contente p'r'a prisão!
Não disputem, não contendam!
Assim quer meu coração!

BITU'.

Oh! entreguem-n'ao desprezo!
Vocem'cês não têm razão!
Sou eu que devo ser preso,
Eu que devo ir p'r'a prisão!

BARNABE' E OPERARIOS.

Oh, meu Deus, que coisa feia
Ir Clarinha p'ra prisão!
E livral-a da cadeia
Ai! não está na nossa mão!

ESCRIVÃO.

Prendem, prendam sem demora!
Não aceito appelação!
Levem, levem a senhora
Direitinha p'r'a prisão!

(Durante este coro, grande movimento. O Escrivão arrasta Clarinha, enquanto os soldados cruzam as bayonetas contra o povo, que se quer oppôr á prisão).

ACTO SEGUNDO

Sala muito rica. Portas lateraes e ao fundo. Candelabros com luzes.

SCENA PRIMEIRA

COCOTTES, *sentadas aqui e alli; entre ellas* CYDALISA, LEONOR e MLE. X; SAMPAIO, *de pé, depois*, CHICA VALSA.

CORO DE COCOTTES

E' de certo muito engraçado
O que acaba de nos contar!
Realmente faz espantar
O poder de um subdelegado,
Que até mesmo pôde matar!
Se bem que em logar afastado
Se dêsse o caso singular,
E' de certo muito engraçado
O que acaba de nos contar!

SAMPAIO. — Pois é verdade, minhas senhoras; foi assim que o caso se passou, em plena praça, e com uma rapariga que se ia casar n'aquelle dia!

LEONOR — Na roça dão-se coisas!

MLE X — C'est incroyable!

CYDALISA — Mas que escandalo!...

SAMPAIO. — Não ha como ser subdelegado lá fóra! Faz-se o que se quer, e mais alguma coisa!

CHICA VALSA, *entrando*. — Seu Sampaio, veja se falla de outra coisa. Não ha mais assumpto para a conversa senão a sua subdelegacia?

SAMPAIO. — Lá na freguezia eu posso, quero e mando! Um vagabundo, vendo que aqui na Côrte não arranjava

farinha, arvorou-se em redactor de gazeta, foi para lá, e fundou um pasquim, o *Imparcial*.

CHICA VALSA, *aparte*. — E' elle!

SAMPAIO. — O patife embirrou commigo, e toca a dar-me bordoadas. Tenho apauhado como boi ladrão. No ultimo numero descobrio os meus amores aqui com a Chiquinha...

CHICA VALSA, *aparte*. — Devêras? (*Alto*) Se você não se fosse gabar lá na roça do que faz aqui na cidade...

SAMPAIO. — Eu gabar-me! Por meu gosto ninguem sabia! Tenho tres filhas solteiras!

CYDALISA. — Adiante.

SAMPAIO. — O tratante descobrio tambem que eu ia todas as noites jogar o vira-vira em casa de Lopes Boticario, e poz-me a calva á mostra! Se eu não fosse autoridade e não tivesse dinheiro, estava a estas horas desmoralizado!

MILE. X. — C'est incroyable!

SAMPAIO. — Mas que fiz eu? Antes de mais nada, tenho a dizer-lhes que o juiz municipal é um idiota; deve-me uns cobres emprestados, e tem medo de mim que se pella!

CYDALISA. — Com effeito!

LEONOR. — Na roça dão-se coisas!

MILE. X. — C'est incroyable!

SAMPAIO. — Mas que fiz eu? Prohibi a leitura do *Imparcial* em publico, sob pena de cadeia!

TODAS. — Oh!...

SAMPAIO. — Depois encontrei o troca-tintas a geito, vendo que com a cadeia nada arranjava (pois já o tinha mandado prender meia duzia de vezes), prometti-lhe cinco contos de réis para acabar com o pasquim e bater a linda plumagem.

CHICA VALSA. — E elle aceitou essa proposta?

SAMPAIO. — Aceitou, mas depois d'isso já sahio mais um numero do jornaleco... e até esta data elle ainda não foi buscar os cobres.

CHICA VALSA, *aparte*. — Pois Bitú faria isso? (*Alto*). Então? Joga-se ou não se joga hoje?

MILE. X. — Mais, dame! Le rendez-vous est à minuit!

SAMPAIO. — O meu escrivão foi prevenir os parceiros para a meia noite. O Sota-e-Az incumbio-se de trazer mais alguns.

CHICA VALSA. — O diabo é a policia... Moramos n'um logar tão publico! Para evitar suspeitas, lembrei-me de illuminar a casa para um baile, como estão vendo.

SAMPAIO.—E' o diabo! os morcegos não dormem!

CHICA VALSA.—Tive outra lembrança. Os sujeitos que vêm cá jogar são muito conhecidos da policia. Preveni-lhes que trouxessem barbas postiças e casacões. Com os senhores urbanos é preciso muita cautela!

MILE X.—C'est incroyable!

CHICA VALSA.—São finos como lan de kagado!

COPLAS

CHICA VALSA.

Respeitae os senhores urbanos!

CORO.

Os urbanos!

CHICA VALSA.

Não são p'ra graças taes maganos;
Têm olho vivo, espertos são,
E contra nós, paizanos,
Em guarda sempre estão!

1

Como um corsel bem árdido, a galope,
A moregada avante vae!
Ninguem com ella tope,
Porque por terra cae!
Se acaso encontra uma senhora,
Bem pouco se lhe dá! esteja muito embora!
Aqui é cutilada!
Alli é pescoção!
Pontapé! Cabeçada!
Cachação! Bofetão!

CORO.

Respeitae os senhores urbanos, etc.

Já não se pôde estar tranquillamente
 Jogando n'uma reunião:
 Na sala de repente
 Os morcegos estão!
 Abre de par em par a porta
 A morcegada, e investe, arranha, fere e corta!
 Uns correm p'r' este lado
 E os outros para alli!
 Mettida em tal assado
 Mais de uma vez me vi!

CORO.

Respeitae os senhores urbanos, etc.

SCENA II

Os mesmos, SOTA-E-AZ.

SOTA.—Boa noite! boa noite! Cada vez mais bêias, mais aebatadoias! (*A Chica Valsa.*) Góia á deusa d'esta casa! (*A Mlle. X.*) Bon soir; passez vous bien?

MILLE. X. — Oh! qual francês! C'est incroyable!

SOTA. — Fancez muito bom! Apendi-o no Acazá! Tou aebatado! Boa noite, seu Sampaio... você tá na pesença de um home aebatado! (*Dá um pulo e pisa Sampaio*).

SAMPAIO, *gritando*. — Oh! muito arrebatado!

MILLE. X. — Quelle grace!

CYDALISA. — Como elle pula!

LEONOR. — E como cae tão chic!

SAMPAIO. — Encima do meu melhor calo! Muito obrigado!

SOTA. — Eu sei puiá! E dansá! Quem dança na Côte como eu? Sou dançaino! (*Dá viravoltas*).

CHICA VALSA. — O que admiro é sua imprudencia de entrar aqui a estas horas, sendo jogador conhecido e sabendo que a policia...

SAMPAIO. — E que os urbanos ..

ACTO SEGUNDO

SOTA. — Oia! A poeira! os ubanos! Passei no meio deis!

Todos. — No meio d'elles?

SOTA. — Acotoveiando-os assim! (*Acotovella*).

SAMPAIO. — Mas o senhor estava só?

SOTA. — Sosinho com a gaça de Deus e meu podê excentivo! (*Brande a bengala*).

Mlle. X. — Aussi beau que charmant!

CYDALISA. — E como é leve!

SOTA. — Como uma penna! Qué vê? (*Vae para pular, Sampaio pega-lhe no pé*).

SAMPAIO. — Deixe-se disso!

A VOZ DE BARNABÉ. — Deixem-me entrar! Deixem-me entrar!

CHICA VALSA. — Quem é? Quem é? (*Entra Barnabé esbaferido, com uma mala debaixo do braço*).

SCENA III

Os mesmos, BARNABÉ

BARNABÉ. — Com licença, minha senhora... Desculpe... é que...

SAMPAIO, *aparte*. — Valha-me Nossa Senhora! E' o barbeiro lá da freguezia! (*Escondendo-se atraz de uma cadeira*). Vem atraz da noiva, não ha que ver!

CHICA VALSA. — Quem é este homem? que deseja?...

BARNABÉ. — Minha senhora... preciso fallar-lhe... eu... minha noiva...

CHICA VALSA. — Tome folego, senhor!

SOTA. — Como ci tem os cabelos eiçados!

CHICA VALSA. — E o olhar esgaseado!

Todos. — Falle! Falle!...

SAMPAIO, *aparte*. — Estou mettido em boas!

BARNABÉ. — Se tenho os cabellos esgazeados e o olhar eri... não!... o olhar esgazea... não...

CHICA VALSA. — Veja lá no que fica!

BARNABÉ. — E' que me succedeu uma grande desgraça!...

CHICA VALSA. — E que tenho eu com isso?

BARNABÉ. — Ia casar-me com um anjo que adorava, e...

CHICA VALSA. — E foi traido?

BARNABÉ'. — Por ora não; mas ouça: no próprio dia de nosso casamento, ella foi presa por ler uma gazeta que se imprimia lá na freguezia, apesar de estar prohibida a leitura pelo subdelegado. No outro dia quizeram solta-la e não a encontraram mais na prisão. O escrivão do juiz de paz, a quem costumava ir aos queixos, contou-me tudo: minha noiva fugio aqui para a Côrte em companhia do senhor subdelegado.

CHICA VALSA. — Mas de onde é o senhor?

BARNABÉ'. — Eu sou de Maria Angú!

CHICA VALSA. — E o subdelegado chama-se?

BARNABÉ'. — Chama-se seu Sampaio.

CHICA VALSA. — Ah!

BARNABÉ'. — Ora, como o Sr. subdelegado, sempre que vem á Côrte, hospeda-se em sua casa, eu vim pedir-lhe, senhora dona, que...

SAMPAIO, *aparte* — Estou arranjadinho ..

BARNABÉ'. — Oh! se a senhora conhecesse a minha noiva... E' tão innocente, coitadinha!... Acredite que não fez aquillo por mal!...

ROMANCE

I

Ella é muitissimo innocente!
 Suppoz que não fizesse mal,
 E poz-se a ler o *Imparcial*
 P'ra que o ouvisse toda a gente!
 Não julgou ser coisa imprudente
 Em alta voz ler um jornal,
 Demais a mais imparcial!
 Ella é muitissimo innocente!

II

Ella é muitissimo innocente;
 Tem bem formado o coração;
 Não tinha visto a prohibição,
 E foi filada incontinente!
 Dóe-me bastante vel-a ausente,
 Porém não devo receiar
 Que alguém m'a possa conquistar!
 Ella é muitissimo innocente!

CHICA VALSA. — Muito bem! Onde está o Sr. Sampaio?
(Vendo-o). Que faz ahí escondido? Venha, que temos
contas a ajustar! (Sampaio sae do seu escondrijo).

SOTA. — C'est bon ça... c'est bon ça...
BARNABÉ, vendo Sampaio. — Olé! Vae dar-me contas
de minha noiva! (Avança).

SOTA, suspendendo-o. — Não se deite a pedê!
SAMPAIO, atrapalhado. — Espere, senhor! Vou expli-
car-lhe tudo. (Aparte) Esta gente não entende de justiça:
posso mentir a meu gosto. (Alto e arrogante). Nós somos
subdelegado, entendem? Muito bem! A noiva deste senhor
len publicamente um jornal cuja leitura havíamos por bem
proibir, entendem? Tratava-se de uma menor branca e de
bons costumes...

BARNABÉ. — Eu arrebento!

SOTA. — Não aebente!

SAMPAIO. — O código não previne este caso.

BARNABÉ. — Eu é que o previno de que...

SOTA. — Não se deite a pedê. E' a poícia que tá faiando.
(A Sampaio) Continue a poícia...

SAMPAIO. — Nós, como tínhamos de vir para a Côrte,
trouxemol-a presa connosco.

BARNABÉ. — Nós quem?

SAMPAIO. — Nós eu! Quando a autoridade falla, é nós!

CHICA VALSA. — Adiante!

SAMPAIO. — Trouxemol-a connosco... e temol-a em de-
posito... Vamos apresental-a ao chefe de policia. (Aparte).
Foi bem sacada!

CHICA VALSA. — Sabe que mais? Vá buscal-a!

SAMPAIO. — Heim?

CHICA VALSA. — Bem te conheço, quaresma, mas não
posso jejuar! Como o senhor, contando-nos a prisão d'essa
moça, não nos disse que a tinha trazido? Ande! vá buscal-a!
(A Barnabé). Você, volte logo.

BARNABÉ. — E a senhora promete-me?...

CHICA VALSA. — Sim, sim, mas volte logo!

BARNABÉ, já risonho. — Então vou ver as figuras de
cêra na Guarda-Velha, e volto. (Vae sahindo e dá um en-
contrão em Sampaio).

SAMPAIO. — Irrá!... (Atira-o sobre Sota e Aí).

SOTA, empurrando-o. — Passa fóia!

BARNABÉ. — Perdoem! (Sae).

CHICA VALSA. — Essa rapariga é bonita?

SAMPAIO. — Fazenda.

CHICA VALSA. — Foi um achado. Vá buscal-a.

SAMPAIO. — Mas...

CHICA VALSA. — Não ouve? Nós o queremos!

SAMPAIO. — E' que...

CHICA VALSA. — Eu tambem sou autoridade!... eu tambem sou nós!...

SAMPAIO. — Eu vou .. eu vou... (*Sae*).

CHICA VALSA. — Seu Sota, você hoje tem occasião de fallar ao barão de Anajamerim?

SOTA. — Tavez.

CHICA VALSA. — Diga-lhe que póde vir ver aquillo de que fallámos. Olhe, vá procural-o. Adeus. Até a meia noite. Não falte!

SOTA. — Vou n'um puio! Como um zéphiol!... (*Antes de sahir, dirige-se a Mlle. X, e dá-lhe um pequeno embrulho*). O Amará lhe manda esse presente. Vem uma catinha dento. Adieu! Adieu! (*Sae dançando*).

CHICA VALSA, *às cocottes*. — Vocês porque não vão até o jardim do Cassino, que é tão perto? Ainda é cedo; até as onze e meia ha tempo para fintar um paio.

LEONOR. — Ou mesmo dous! (*A's outras*). Vamos?

Todos. — Vamos! Até logo!...

SCENA IV

CHICA VALSA, *depois* GENOVEVA.

CHICA VALSA, *só*. — O Sampaio e o jogo não me bastam. A incumbencia é lucrativa, e não é a primeira que des-
empenho com felicidade. Se a pequena é realmente bonita, o
barão me pagará bem... Hoje é um dia completo! Só me
falta o meu Bitú!.

GENOVEVA, *entrando*. — Minh'ama. senhô Sampaio trouxe
uma moça vestida de noiva, que está esperando que voce-
mecê a mande entrar.

CHICA VALSA. — Já?! O tal deposito era perto! Diga-lhe
que entre!

GENOVEVA, *aparte*. — Entre, sinhá! (*Sae*).

ACTO SEGUNDO

SCENA V

CHICA VALSA, CLARINHA

CLARINHA, *ao fundo, consigo*. — Como isto é bonito!... Que luxo!... Como se deve viver bem aqui!...

CHICA VALSA. — Approxime-se, moça!

CLARINHA. — Aqui estou, minha senhora!

CHICA VALSA. — Chegue-se mais!.. (*Reparando*). Gentes!

CLARINHA. — Que vejo!

CHICA VALSA. — Clarinha!

CLARINHA. — Tu aqui?! Conheces a dona da casa?...

CHICA VALSA. — A dona da casa sou eu..

CLARINHA. — Será possível?..

CHICA VALSA. — Nunca ouviste fallar na celebre Chica Valsa? Sou eu!

CLARINHA. — Tu?.. Mas no collegio chamavam-te Chiquinha Moraes...

CHICA VALSA. — Deitei fóra a moralidade, e o povo entrou a chamar-me Chica Valsa, porque ninguem valsava como eu nos bailes do Pavilhão.

CLARINHA. — E o caso é que ficaste, mais do que eu, com este sotaquesinho que nos deixou a educação entre francezes.

CHICA VALSA. — Eu faço de proposito, para que me tomem por franceza

CLARINHA. — Eu já tenho perdido todo o sotaque.

CHICA VALSA. — Mas conta-me a tua historia, pelo menos de ante-hontem para cá.

CLARINHA. — E' muito engraçada. Queriam casar-me contra a minha vontade com o mestre barbeiro lá da terra.

CHICA VALSA. — Continúa.

CLARINHA. — Ora, en não podia nem casar-me nem deixar de me casar.

CHICA VALSA. — Como assim?

CLARINHA. — Primeiro que tudo, porque ha lá um bonito rapaz que julgo preferir...

CHICA VALSA. — Que julgas?

CLARINHA. — Que... prefiro, se assim o queres.

CHICA VALSA. — Agora entendo.

CLARINHA. — Segundo que tudo, esse rapaz tinha jurado matar se, se eu me casasse com o barbeiro!

CHICA VALSA. — E tu acreditaste nisso, criança?

CLARINHA. — Se o conhecesses! E' um rapaz destemido... meio maluco! — Esse casamento era imposto pelos operários da fabrica do Pinho, que me educaram..

CHICA VALSA. — Lembra-me bem: teus paes e tuas mães. Como vão elles?

CLARINHA. — Bem, obrigada. Emfim, para sahir do embaraço em que me via, só tive um meio: deixei-me prender lendo um jornal cuja leitura...

CHICA VALSA. — Eu sei disso. Foi uma boa idéa.

CLARINHA. — O subdelegado foi á minha prisão, achou-me bonita, e perguntou-me: — Menina, quer ir para a Córte commigo? — Eu disse aos meus botões: Uma vez na Córte, escrevo ao meu namorado, reunimo-nos, casamo-nos, e... aceitei a proposta do subdelegado.

CHICA VALSA. — E d'ahi?

CLARINHA. — D'ahi, cá estou. Passarei pelo perigo e ficarei incolume, comprehendes? O que não sei é para que me trouxeram á tua casa. Elle havia-me alugado um quarto no hotel dos Príncipes.

CHICA VALSA. — Mas que lembrança a tua!

CLARINHA. — Lembranças as que tínhamos no collegio, heim? Aquillo sim! ..

CHICA VALSA. — Ah! bom tempo! bom tempo!...

CLARINHA, *suspirando*. — O collegio! ..

CHICA VALSA, *suspirando*. — O collegio...

DUETTO

JUNTAS.

Tempo feliz da infancia pura,
Em que ha mamãe, em que ha papae!
Tanto prazer, tanta ventura
Fugio veloz, bem longe vae!

CHICA VALSA.

Lembrada estás quando fui ao portão
P'ra conversar c'um estudante,
Do qual conservo ainda — e porque não?
Muita cartinha interessante?

ACTO SEGUNDO

CLARINHA.

Lembrada estás de um professor
 Que, me encontrando um dia a geito,
 Apertou-me contra o seu peito
 E quatro beijos me pregou?

CHICA VALSA.

E felizmente o tal sujeito
 Com isso só se contentou ..

JUNTAS.

Tempo feliz da infancia pura, etc.

CHICA VALSA.

Hoje aqui — deixa que te diga! —
 Passo uma vida de invejar!

CLARINHA.

Eu não invejo, minha amiga,
 O teu viver de lupanar!

CHICA VALSA.

Ah! naquelle bello tempo
 Que passou, não volta mais,
 Eu dar-te-hia esta resposta
 Na linguagem de teus paes :

(Pondo as mãos nas ilhargas).

Eh! Olá! Não grimpes, não!
 Ou retiras a expressão,
 Ou co' esta mão
 Dou-te muito pescoção!

CLARINHA.

Eu poderia responder:

(Mesmo jogo de scena).

Voc'mecês não querem ver
 Esta typa sem pudor,
 Negociando o seu amor,
 E vendendo a quem mais der
 Seus encantos de mulher!

JUNTAS.

Ai! que prazer!

CHICA VALSA.

Isto é melhor, podera não!
 Do que a linguagem de valão!

JUNTAS.

Ah! ah! ah! bonitas coisas
 No collegio fui saber,
 E hoje um dia,
 Todavia,
 Tenho ainda que aprender!
 Que prazer a infancia dá!
 Outro assim não ha!...

CHICA VALSA.

Lembrada estás de alguns dizeres
 Que sem querer fui saber eu?
 Diziam que teu pae morreu
 Dois annos antes de nasceres!

CLARINHA.

Lembrada estás de certa historia
 Que foi bem publica e notoria
 No bom tempo que lá vae?
 Nós não soubemos nunca o nome de teu pae!

JUNTAS

Ah! ah! ah! bonitas coisas, etc.

CHICA VALSA — Tu serás feliz, muito feliz, Clarinha; quem t'o assegura sou eu. (*Aparte.*) O resultado é duvidoso...

SCENA VI

As mesmas, GENOVEVA, depois o ESCRIVÃO.

GENOVEVA, *entrando*. — Minh'ama, posso fallar a voce-mecê?

CHICA VALSA. — Porque não?

GENOVEVA — A voce-mecê só?

CHICA VALSA. — Que temos?

GENOVEVA. — Uma preta velha, acompanhada por um moço, querem fallar a voce-mecê. Estão no corredor.

CHICA VALSA, *aparte*. — Oh! meu Deus!... Já nem me lembrava que Bitú podia chegar agora!

CLARINHA. — Estou te embaraçando?

CHICA VALSA — Não, mas...

ESCRIVÃO, *entrando* — Perdão, minha senhora: onde está sua senhoria, o senhor subdelegado? (*Aparte*) A noiva do Barnabé aqui!

CHICA VALSA — Não sei: está no meu bolso!

ESCRIVÃO. — Vou procurá-lo. (*Comprimenta e diz aparte*) E no corredor o nhô-nhô Bitú.. Aqui ha coisa... hei de saber! (*Vae sahindo e escorrega.*)

CLARINHA. — Não caia, seu aquelle!

ESCRIVÃO. — Escorreguei no ispermacetes... (*Sae.*)

CHICA VALSA. — Tu, minha querida Clarinha, entra para este quarto; hei de ir ter contigo. Fica socegada: não te casarás com o mestre Barnabé.

CLARINHA. — Obrigada. (*Sae.*)

CHICA VALSA. — Manda entrar...

GENOVEVA. — A preta velha e o moço?

CHICA VALSA. — O moço só, estúpida! (*Genoveva sae.*)

SCENA VII

CHICA VALSA, BITU'.

BITU', *entrando*. — Ora esta! Era você?!...

CHICA VALSA. — Sim, era eu! Venha de lá esse abraço!

BITU'. — Mas isto foi uma traição! (*Aparte*.) Ainda está mais bonita!

CHICA VALSA. — Não tenhas medo! Abraça-me...

BITU', *abraçando-a*. — Medo de que?

CHICA VALSA. — Estava com muitas saudades tuas. Chamei-te para fazermos as pazes.

BITU'. — Estão feitas! (*Aparte*.) E Clarinha, que deixei presa em Maria Angú? (*Alto*.) Julguei que não tivesses voltado da Europa.

CHICA VALSA. — Ha quinze dias... Havemos de conversar...

BITU'. — E... o motivo da nossa separação?

CHICA VALSA, *embaraçada*. — Heim?

BITU'. — O pomo?

CHICA VALSA. — Que pomo?

BITU'. — O pomo da discórdia! O Sampaio!

CHICA VALSA. — E você a dar-lhe com o Sampaio! Que diabo! Seja razoavel, Bitú!

BITU'. — Não importa! Estou bem vingado!

CHICA VALSA. — Já sei que você pintou a manta em Maria Angú.

BITU'. — A manta, o sete, o padre, o simão de carapuça e até a saracura! Pinteí tudo! Mas...

CHICA VALSA. — Mas... fallemos de nós.

DUETTINO

CHICA VALSA.

Ate que emfim, Bitú, eis-me a teu lado!

BITU'.

Emfim ao lado meu estás!

CHICA VALSA.

Ingratidão!

BITU'.

Não me dirás
Porque é que fui por ti chamado?

CHICA VALSA.

Quero, ó Bitú, saber porque
Lá em Maria Angú você
Me injuriou n'um papelucho!
Pois tu não sabes, meu Bitú,
Que sem dinheiro não podias tu
Aguentar tamanho repuxo?

BITU'.

Oh! não me digas isso, não!
Eu te adorava, coração!
Se dispensasses tanto luxo,
Se não andasses tão liró,
Podias tu ser minha só!
Se bem que pobre como Job,
Eu aguentava o tal repuxo!

CHICA VALSA.

No peito meu rebenta uma esperança!
Inda és o mesmo, eu logo vi!
Meu coração emfim descansa!
Saudades tuas tive em França...

BITU'.

Se taes saudades mereci,
Não me trouxeste uma lembrança?

CHICA VALSA

Nem mesmo n'uma sepultura
Eu poderia me esquecer de ti:
Trouxe-te uma abotoadura.

BITU'.

Oh! não me digas isso, não!
Talvez custasse um dinheirão!

CHICA VALSA.

Oh! não!

BITU'.

Não me esqueceste, oh! que ventura
E' teu de novo o meu amor!
E' tua a penna do escriptor
E a tesoura do redactor!
Eis-me a teus pés, ó minha flor!
— Mostra-me a tal abotoadora!

SCENA VIII

Os mesmos, GENOVEVA, depois CLARINHA.

GENOVEVA, *entrando*. — Minh'ama! minh'ama!

CHICA VALSA, *dirigindo-se a ella*. — Que temos?

GENOVEVA, *baixo*. — Aquelle home, escrivão de sinhô Sampaio, fallou á preta velha que acompanhou aquelle moço, depois foi muito apressado dizer não sei o que a sinhô Sampaio e todos dous vêm ahi. Sinhô Sampaio estava no largo do Rocio. Vem furioso!

CHICA VALSA, *aparte*. — Fazer sahir Bitú? Não! Ha tão pouco tempo chegou... Ah! (*Chamando*) Clarinha! Clarinha!

BITU', *aparte*. — Clarinha! Que coincidência do nomes!

CLARINHA, *entrando*. — Que é?

BITU'. — Que vejo! Ella!

CLARINHA. — Ah!

CHICA VALSA. — Conhecem-se?

GENOVEVA. — Minh'alma, elles ahi chegam.

CHICA VALSA, a Clarinha e Bitú. — Por favor não me desmintam! A tudo quanto eu disser, *Ora pro nobis*; confirmem, ou estou perdida!

CLARINHA E BITÚ. — Perdida!

CHICA VALSA. — Silencio!

SCENA XIX

Os mesmos, SAMPAIO, O ESCRIVÃO.

SAMPAIO, entrando zangado. — Sei tudo! Sei tudo!

CHICA VALSA. — Que quer isto dizer?

SAMPAIO. — Sei que a senhora e este senhor entendem-se perfeitamente!

CLARINHA, aparte. — Heim?

SAMPAIO. — É que o recebeu em sua casa, isto é, em minha casa!

CHICA VALSA. — E' só isso? E' verdade que recebi este senhor em minha casa!

SAMPAIO. — Minha! La maison est de moi! Je suis le subdelegué qui mande ici!...

CHICA VALSA. — Esta senhora é a minha melhor amiga. O Sr. Angelo Bitú ama D. Clarinda Augú, e é correspondido. Eu quiz approximal-os... (*Baixo*) e malograr o seu intento, percebe?...

QUINTETTO.

Heim?

SAMPAIO.

Ih!

ESCRIVÃO.

SAMPAIO.

Oh!

ESCRIVÃO.

Uh!

CHICA VALSA.

Meu caro senhor, é por ella
Que se acha aqui nhô-nhô Bitú,
E não foi senão para vel-a
Que elle deixou Maria Angú.

JUNTOS.

CHICA VALSA.

Meu caro senhor, é por ella etc.

SAMPAIO E ESCRIVÃO.

Pois não será por causa d'ella
Que se acha aqui nhô-nhô Bitú!
Foi para ver a tal donzella
Que elle deixou Maria Angú!

BITU' E CLARINHA.

Não, não senhor, não é por ella,
Que se acha aqui nhô-nhô Bitú!
Foi para { vel-a e dar-lhe trela
 { ver-me e dar-me trela
Que lá deixei { Maria Angú!
Que elle deixou }

SAMPAIO, a *Clarinha*.

Mas não! Com Barnabé casar-se deveria!
Zombando estão de mim!

CLARINHA.

Eu cá zombar não quiz...

CHICA VALSA.

Se o senhor de mim desconfia,
Faz-me chegar a mostarda ao nariz!

SAMPAIO.

Pois lem! que jure aqui reclamo
Que gosta do Bitú!

CLARINHA.

Já que assim quer, eu lhe juro que o amo!

CHICA VALSA, *aparte*.

A pobresinha corada ficou,
Repetindo taes c'raminholas!

ESCRIVÃO, *aparte*.

Vae já dizer que sou um bolas!

SAMPAIO, *a Bitú*.

E vocé lá, seu redactor,
Aqui só está por causa d'ella?

BITU'.

Juro, carissimo senhor,
Que aqui vim ver a minha bella!

CHICA VALSA.

Ai! com que perfeição
Mente aquelle ladrão!

SAMPAIO.

Isso é serio?

BITU'.

Serio sou!

ESCRIVÃO, *aparte*.

O pobre diabo acreditou!

TODOS.

A coisa está patente!
A Chica tem razão!
Não póde tanta gente
Fazer combinação!

SAMPAIO.

Seu escrevão, que diz a isto?
Você é um bolas, um grande animal!

ESCRIVÃO.

Perdão! Enganei-me, está visto...
Julguei mal...
Eu fiz uma apreciação falsa...
Mas vendo estou...

SAMPAIO.

Que vêa tu?

ESCRIVÃO.

Que a senhora Chica Valsa
Não faz caso do Bitú!

CHICA VALSA

Ora ahí está que sem malícia
Me defende este escrivão!
O escrivão é da policia:
Tem valiosa opinião.

TODOS.

Ora ahí está que sem malícia
Mo) defende este escrivão! etc.
A)

SAMPAIO. — Está tudo acabado! (*Estendendo a mão a Bitú*). Seja meu amigo.

BITÚ, *apertando-lh'a*. — Obrigado, senhor.

SAMPAIO, *ao escrivão*. — Você é um bolas, seu escrivão!... Vá se deitar...

ESCRIVÃO. — As ordens de vossa senhoria serão cumpridas á risca (*Vae sahindo*). Sobem a escada...

CHICA VALSA. — Serão já os rapazes?

ESCRIVÃO. — É o mestre barbeiro Barnabé. (*Aparte*). Decididamente todo o Angú mudou-se para esta casa! (*Sae*).

CHICA VALSA. — É o Barnabé!

CLARINHA. — Meu noivo!

CHICA VALSA. — É preciso que elle não te veja! (*Conduzindo Clarinha e Bitú á direita*). Entrem para a sala de jantar. (*Bitú e Clarinha saem*). Oh! que idéa! É preciso

desfazemo-nos desta Barnabé! Já nem me lembrava d'elle! Clarinha deve pertencer-me! (A Sampaio) Dê-me o seu apito.

SAMPAIO. — Para que?

CHICA VALSA. — Não ouve? (Sampaio dá-lhe um apito. Chica Valsa tira uma pulseira do braço).

SCENA X

Os mesmos, BARNABÉ, depois, DOUS URBANOS.

(Musica na orchestra)

BARNABÉ, sempre com a mala. — Com licença! Já vim das figuras de cera. Mal empregados cinco tostões! Onde está minha noiva? (Enquanto Barnabé falla, Chica Valsa mette-lhe a pulseira no bolso; depois corre ao fundo e apita).

SAMPAIO. — Que é isto?

BARNABÉ. — Que quer isto dizer?

CHICA VALSA, gritando. — Um gatuno! um gatuno!...

BARNABÉ. — Onde está o gatuno, minha senhora? Onde está o gatuno? Soccorro! Péga! Péga!... (Entram dous urbanos)

CHICA VALSA, aos urbanos, mostrando Barnabé. — Camaradas, este homem introduzio-se em minha casa: é um gatuno! Vejam se elle não tem no bolso uma pulseira! (Os urbanos revistam os bolsos de Barnabé).

BARNABÉ. — Mas que é isto?! eu não sou gatuno!... Não me metta a mão no bolso! Onde já se vio isto?!...

CHICA VALSA. — Prendam-no! (Os urbanos acham a pulseira e entregam-n'a a Chica Valsa).

URBANOS. — Venha. . . venha! (Desembainham os refes e arrastam Barnabé para fóra. Cessa a musica).

SAMPAIO, aparte. — Esta mulher é da pelle do diabo! Ensaio-me, senão é capaz de me mandar tambem para a cadeia! (Sae apressado).

CHICA VALSA. — Venham... Venham...

CLARINHA, entrando. — D'alli vimos e ouvimos tudo.

BITO, entrando. — Para que prendel-o?

CLARINHA. — Que prisão esquisita!

CHICA VALSA, *aparte*. — E' quasi meia noite: os rapazes não tardam... (*Genoveva entra*.) Clarinha, vae com a criada. Genoveva, leva esta moça para a saleta, onde passará a noite.

BITU', *aparte*. — Ella vae dormir aqui?!

CHICA VALSA. — Deita-te, dorme bem, e amanhã conversaremos.

SCENA XI

CHICA VALSA, BITU'

CHICA VALSA. — Eis-nos sós. Não percamos tempo! Sabes jogar o bacará?

BITU'. — Porque?

CHICA VALSA. — Responde! anda!...

BITU'. — Eu sei jogar tudo, desde o burro e o pacão até o xadrez!

CHICA VALSA. — Tens dinheiro? (*Bitu' coça a cabeça*.) Empresto-te duzentos mil réis. (*Dá-lh'os*.) Estás n'uma casa de jogo; não sabias?

BITU'. — Devéras?

CHICA VALSA. — Quero-te ao pé de mim, e só jogando poderei conseguil-o... Depois, acharei meio de me ver livre do Sampaio.

BITU'. — Bem.

CHICA VALSA, *com mysterio*. — Elles ahi vêm.

BITU'. — Elles quem?

CHICA VALSA. — Os parceiros... Vem commigo.. (*Saem*).

SCENA XII

SOTA-E-AZ, JOGADORES, *depois* CHICA VALSA, BITU'
(*Sota-e-Az e os Jogadores trazem todos soíças postiças, casações e bengalas*)

CORO

Dizem que é vicio
Jogar, mas é
Amargo officio,
Penoso até!

A FILHA DE MARIA ANGU

Dá-nos canceira,
 Faz-nos suar
 A noite inteira
 Aqui passar!
 A morcegada
 Que é mui sagaz,
 Anda assanhada,
 De pé atrás...
 Estas soíças
 E' convenção
 Trazer postíças
 E casação.

CHICA VALSA, *entrando*

Vêm disfarçados que faz gosto vel-os !

SOTA-E-AZ

Sim ! sim ! de jogadois nós somos os modeiós !
 Ente nós, ente nós não ha nenhum potão !

BITU', *entrando*

Inda bem !

OS JOGADORES

Céos ! (*Procuram esconder-se*).

CHICA VALSA

Não tenham medo, não !

(*Apresentando Bitú aos Jogadores*).

Ora aqui têm mais um parceiro !
 Não joga mal, mas tem dinheiro...
 Vamos jogar ! Fóra a preguiça !
 Então ! Então ?
 Cartas na mão !

SOTA.

Mas ei não tem casacão...
Não tem também baba potiga...

OS JOGADORES

Mas elle não tem casacão...
Não tem também barba postiça...
Dizem que é vicio
Jogar, mas é, etc.

SCENA XIII

Os mesmos, CLARINHA, depois as COCOTTES.

CLARINHA, *a Chica Valsa*

Emfim te encontro!

OS JOGADORES.

Uma moça!

CHICA VALSA.

Que vens aqui fazer?

Imprudente!

CLARINHA.

Prevenir-te que vi
P'los vidros da janella muita gente
E alguns urbanos que vêm para aqui!

OS JOGADORES.

Os urbanos, oh, céos!...
Oh, meu Deus! oh, meu Deus!...

54
A FILHA DE MARIA ANGU

AS COCOTTES, *entrando assustadas.*

- A casa está cercada ! a fuga é impossível !
A gente toda é presa,
E vae para a estação !
Ah, meu Deus ! com certeza
Temos muita e prisão !

SOTA.

Pisão !

TODOS.

Pisão !

(Apitos fóra.)

CHICA VALSA.

Não ! Não ! Não ! Não !
Ninguém vae para a prisão !

TODOS.

Como assim ?

CHICA VALSA.

O caso e já, neste momento,
Improvisar um casamento !

(Apontando para Bitú e Clarinha.)

E os noivos, eil-os aqui estão !

(Aos Jogadores.)

Mas essas barbas ? Visto
Está que nos denunciarão !

ACTO SEGUNDO

SOTA.

Pá não imos para a prisão,
E' já escondê tudo isto !

OS JOGADORES.

E' já esconder tudo isto !

(Durante o côro que se segue, Sota-e-Az e os Jogadores tiram e escondem os casacões, os chapéos, as barbas e as bengalas. Dous criados entram, e levam para dentro todos os moveis).

CORO DE URBANOS, *fóra.*

Quem estiver aqui jogando
P'r' a estação vae já marchar !
Guerra a vício tão nefando !
Guerra, guerra a quem jogar !

CHICA VALSA, *declamando.*

Elles ahí vêm ! Vamos, senhores, tirem pares para uma valsa ! (*Valsa com Sota-e-Az*).

Valsae ! Valsae !
Não parar nem um segundo !
Os desgostos deste mundo
A valsar olvidae !
Valsae !

TODOS, *valsando.*

Valsae ! valsae ! etc.

SCENA XIV

Os mesmos, UMA AUTORIDADE, URBANOS.

OS URBANOS.

Quem estiver aqui jogando, etc.

CHICA VALSA.

Queiram dizer o que desejam.

A AUTORIDADE.

Os jogadores que aqui estão!

CHICA VALSA.

Jogadores aqui não sei quaes sejam!
Temos deus noivos... estes são!

(Mostra Bitú e Clarinha).

Tivemos hoje um feliz casamento,
E o nosso baile vêm cá perturbar!
Porém não damos cavaco um momento,
E os convidamos até p'ra dansar!
Aos bons urbanos
Nós, os paizanos,
Urbanamente queremos tratar...
Escolham pares,
E aos colcanhares
E' dar sem dó.

(A' Autoridade).

Eu serei o seu par.

*(Valsa com a Autoridade, enquanto os Urbanos
valsam com algumas das Cocottes).*

CORO.

Valsae ! valsae ! etc

CLARINHA, *valsando com Bitú.*

Como isto é bom ! Valsemos mais depressa !

BITU'.

Dize, ó Clarinha, que me queres bem !

CLARINHA.

Ten desespero, bemzinho, não cessa !
Sou tua, tua e de mais ninguém !

CHICA VALSA, *que ouvio.*

Será possível !

(Deixa o seu par).

A AUTORIDADE, *valsando só.*

Diga o que tem !

CHICA VALSA.

Eu .. eu...

A AUTORIDADE.

Se quer, eu pararei também...

A FILHA DE MARIA ANGU

CHICA VALSA, *disfarçando.*

Oh, céos! que vejo!

(Reparando n'alguna coisa na sobrecasaca da Autoridade).

Um persevejo!

*(Aparte).*Trahida fui, mas eu me vingarei!
Vingada, sim, serei!...

cono.

Valsae! Valsae! etc.

(Valsa geral e muito animada).

ACTO TERCEIRO

Um arruial em Maria Angé, na noite da festa do Espírito Santo. Fogos de artifício. Balões de papel. A' direita a casa do Juiz da festa e á esquerda uma egrejinha, abertas ambas e illuminadas.

SCENA PRIMEIRA

CARDOSO, GUILHERME, BOTELHO, CHICA PITADA, GAIVOTA, THEREZA, OPERARIOS, FESTEIROS, POVO, depois o JUIZ DA FESTA.

(Ao levantar o panno vem do fundo o bando do Espirito-Santo. A' frente o imperador, representado por uma criança. Repiques de sino. Foguetes).

CORO DE FESTEIROS.

Entoemos nosso hymno
Perante o celeste altar,
Para louvar o Divino,
Para o Divino louvar!

(O bando do Espirito-Santo entra na igreja).

O JUIZ DA FESTA, *sahindo da casa e dirigindo-se aos que ficaram em scena.* — Então, rapaziada! Venham trincar uma perna de perú cá em minha casa! Eu sou o juiz da festa! Viva o divino Espirito Santo!

Todos. — Viva! viva o juiz! Vamos! vamos!... *(Festeiros e homens do povo seguem o Juiz, que entra em casa).*

GAIVOTA. — Então? Não vamos nós também?

GUILHERME. — Eu não! Vão vocês, se quizerem!

CHICA. — Ora! é tão bom trincar uma perna de perú!

CARDOSO. — Trincar! Seria preciso que não tivéssemos coração!

A FILHA DE MARIA ANGU

BOTELHO — E que tivéssemos fome!

CARDOSO — Trincar uma perna de peru quando não sabemos o fim que levou nossa filha!

GAIVOTA — Sabemos que não está presa, porque escreve-nos, dizendo que a esperássemos hoje.

BOTELHO. — Mas para que diabo foi aquella rapariga ler o maldito *Imparcial*? Isto é o que me tem feito pensar!

GUILHERME — É o que foi fazer na Corte com o subdelegado?... Nadamos n'um oceano de conjecturas!

CHICA. — Uma mosca morta que não levantava os olhos!

THEREZA — Parecia uma santinha!

GAIVOTA — De pão carunchoso!

CARDOSO, tirando uma carta da algibeira. — Se ainda esta carta nos pizesse ao facto de alguma coisa, mas de facto não nos põe ao facto de coisa alguma! (*Lê.*) "Peço a todos os meus paes e mães que hoje á noite se achem ás oito horas na festa do Espirito-Santo. Eu lá irei ter, e tudo saberão. — Clarinha."

GAIVOTA. — Bem! uma vez que nos vem dizer tudo...

THEREZA. — E' porque nada tem que occultar.

BOTELHO. — Está sabido! Mas queira Deus que ella diga toda a verdade... (*Rumor fóra*).

Todos, subindo ao fundo. — Que é? Que é?...

CHICA. — Uma moça bem vestida! Como vem cercada de povo! Aquillo é senhora da cidade!

CARDOSO. — Mas não! é ella! é a nossa rica filha!

Todos. — Clarinha!

BOTELHO — Eil-a ahí vem!...

SCENA II

Os mesmos, CLARINHA, POVO.

(*Clarinha vem exageradamente vestida, e acompanhada pelo povo.*)

côro.

Eil-a! Eil-a! Vem tão janota!
Eil-a entre nós de novo enfim!
Mas que fatiota!
Onde ella foi vestir-se afim!

CARDOSO.

Chegaste enfim!

CHICA.

De onde vens tu?

CARDOSO.

Como é que assim nos appareces?

CHICA.

Deus me perdõe! Já não pareces
A filha de Maria Angú!

CORO.

Deus me perdõe! já não pareces
A filha de Maria Angú!...

COPLAS.

CLARINHA.

1

Fizestes muitos sacrificios
Para que eu não tivesse vicios,
E eu tive sempre a paciencia
De apparentar muita innocencia!
Constante fui no fingimento;
Sonsa como eu nenhuma havia!
Tudo isso devo ao meu temperamento,
Por temperamento eu fingia!
De Maria Angú
Eu cá sou filha, não ha negar!
Sou Clarinha Angú!
Filho de peixe sabe nadar...
Olhem lá!
Vejam cá!
Sou Clarinha Angú!

CORO.

De Maria Angú
Ella é a filha, não ha de negar ! etc.

CLARINHA.

II

Leis me dar, eu não duvido,
Um maridão, um bom marido,
Porém a outro namorado
Meu coração eu tinha dado !
Querendo, embora por astucia,
Impedir esse casamento,
Eu fiz com que me prendesse esta sucia !
Tudo por meu temperamento...
De Maria Angú, etc.

BOTELHO. — Como ? pois foi por causa do teu temperamento que fizeste todo esse destempero ?

CHICA — Porque não nos disseste francamente a verdade, em vez de te deixares prender ?

CARDOSO. — E como foste dar com o costado na Côte ?

CLARINHA, *aparte*. — Aproveito a mentira do Sampaio. (*Alto.*) Fui para a Côte á disposição do chefe de policia, que me mandou embora... Depois coatarei tudo. Só o que lhes digo é que julgo ser trahida !

TODOS — Trahida !

CLARINHA — Por meu namorado !...

CHICA. — Não é outro senão nhô-nhô Bitú !

CLARINHA. — Sim ! E' Bitú, é ! E o que eu suspeito é verdade ! Não me casarei com elle...

CARDOSO — Nisso fazes bem !

CLARINHA. — E ficarei solteira toda a minha vida !

GAIVOTA — Nisso fazes mal !

THEREZA — E' Barnabé ?

GUILHERME. — Sim ! Que logar reservas em tudo isso para Barnabé ?

CLARINHA. — Não se occupem com elle ; ficou preso na Côte.

TODOS. — Preso !

CLARINHA. — Também depois hei-de contar-lhes isso... Não estejamos cá... Ha de vir aqui alguém, que escami-nhei para cá, e não quero que me veja. Viva Deus! Hei de provar-lhes que sou a filha da minha mãe!

BOTELHO. — Não parece a mesma...

CARDOSO. — Filho de peixe sabe nadar.

CLARINHA. — E ainda não viram nada!

GUILHERME. — E esse vestido? Quem foi que te pôz n'esse chiquismo?

CLARINHA. — Foi meu pae!

TODOS. — Seu pae?!...

CLARINHA. — O barão de Anajamerim!

CHICA. — O barão de Anajamerim?... E' elle!...

TODOS. — Quem?

CHICA. — O barão do hotel Ravot!

CLARINHA. — Também depois hei de contar-lhes isso! Vamos! (*Sahida geral, com um motivo do ultimo câno. Entra Sampaio, disfarçado com um grande chapéo desabado e barbas postiças.*)

SCENA III

SAMPAIO, só.

Cá estou. Vejo que fui o primeiro a chegar. Parece-me que estou bem disfarçado... Vejamos se me esqueci de alguma coisa, pois tenho andado com a cabeça á razão de juro (*Tira uma carta da algibeira e lê.*) "Sr. Sampaio" (*Declama.*) Ella escreve Sampaio com e cedillado! (*Lê.*) "O Sr. é enganado. Se quer saber quem é o amante de sua amante, esteja hoje á noite na festa do Espírito-Santo, em Maria Angé. Vá disfarçado e leve os olhos bem abertos. — *Clarinha.*" (*Declama.*) Clarinha! E' ella, a noiva do Barnabé, essa bonita rapariga que d'aqui levei com tonção perversa, e me foi roubada pela Chica, que a entregou ao barão de Anajamerim. Foi bem feito. O barão encheu-a de presentes, porém, mal tinha trocado quatro palavras com a pequena, reconheceu que era pae d'ella, e naturalmente arripou carreira! Disse lá consigo: Nada! uma pequena que tem deus futuros e ainda aceita presentes, não é digna de ser minha filha! Mas Clarinha, que se mostrava tão amiga da Chica,

querer-me agora contra ella! A' custa de quem quererá divertir-se esta moça? A' minha? Mas eu sou muito grande para palito. Que horas serão? Allí no relógio da egreja é meia noite ha oito annos. Meia noite ou meio-dia. Creio que a impaciencia fez-me vir antes do tempo .. Se eu visse a Clarinha .. (*Sahindo pela esquerda.*) Procuremola. (*Sae.*)

SCENA IV

BARNABÉ, depois SAMPAIO

(*Barnabé entra correndo e tambem disfarçado*)

BARNABÉ. — Uf! Eis-me emfim em Maria Angú. . e quasi reduzido a angú!... Que é isto? Ah! a festa!... Sarcasmo do destino!... (*Pausa.*) Quantas atribulações para um pobre barbeiro sangrador! No dia do meu casamento, sangram-me o coração: prendem-me a noiva antes que eu a prendesse com os laços do hymeneu! Sei que ella foge para a Côrte, levada pelo subdelegado Vou tambem para a Côrte e tenho a satisfação de saber que ella não tinha fugido, mas fôra apenas conduzida á presença do chefe de policia. Não sei como nem como não, roubo uma pulseira, que é encontrada no meu bolso, prova cabal de que a roubei... mas como?! Mandam-me prender por uns soldados que são tudo menos urbanos, e ferram commigo na estação dos ditos, na travessa do Rosario. No xadrez encontro o Jeronymo, vulgo Cabeçada, preso tambem por ter dado uma cabeçada n'um sujeito que pílhou dando um beijo em sua mulher .. (Como lhe devia ficar a cabeça!) O Jeronymo é um amigo velho; fui en que lhe emprestei duzentos mil réis, quando residi na Côrte, para prestar fiança quando quiz ser conductor de bondes. . Por signal que nunca mais vi a côr d'esse dinheiro! Levámos toda a noite a contar um ao outro as nossas desventuras. O Jeronymo lembrava-se dos duzentos mil réis, e teve pena de mim... Tinha de sair logo de manhaezinha do xadrez, e, como não fazia muito empenho em tornar a ver a mulher, lembrou-se de me fazer sair em seu lugar. Vesti a sua roupa, elle vestio a minha, poz o seu chapéo, e quando vieram soltar o, záz! por aqui é o caminho! Estava ainda no largo do Rocio quando ouv;

gritar: "Péga! Péga!" Pernas para que te quero?! Olha um tylbury que saia! Brr... Entrei na estação... n'outra, mas d'esta vez na da estrada de ferro... Felizmente o trem estava sae não sae... Em viagem lembrei-me de minha mala, mas o collete é o meu e os cobres cá estão... Chego a Maria Angú mais morto que vivo, e eis-me n'uma festa! N'uma festa!... E talvez a estas horas a minha Clara gema no ovo!... O ovo é o chilindró...

SAMPAIO, *entrando*. — Não a encontrei.

BARNABÉ. — Vim buscar o auxilio de meus sogros e de minhas sogras, mas parece estar escripto no livro do destino que não a livro do destino que a aguarda!...

SAMPAIO. — Já devem ser horas.

BARNABÉ. — Vou procural-os.

SAMPAIO. — Vamos por outro lado... (*Esbarram-se*).

DUETTO.

AMBOS.

Você está cego?

SAMPAIO.

Oh, que bruto!

BARNABÉ.

P'ra lá!

AMBOS.

Céos! quem será?

(*Afastam-se com medo um do outro*).

SAMPAIO.

Quem será?

BARNABÉ.

Quem será?

AMBOS, *aparte*.

Será, pois não ! immensa asneira
Medo por elle aqui mostrar !
Eu vou, vou já, de um capoeira
As apparencias tomar !

(*Provocam-se como os capoeiras*).

SAMPAIO.

Você não vê por onde anda !

BARNABE', *aparte*.

(*Alto*). Ai ! que o sujeito é valentão !
E' que eu olhava p'r'a outra banda...

SAMPAIO, *aparte*.

(*Alto*). Este individuo é fracalhão !
Zangado estou, e vou-lhe ás ventas !

BARNABE', *aparte*.

(*Alto*). Se eu recuar, perdido estou !
Eu quero ver se tu sustentas
O que da bocca te escapou !
Se não retiras a expressão.
Fanfarrão !
Levas muito cachação !

SAMPAIO, *aparte*.

Elle é valente ! Haja prudencia !

BARNABE', *avançando*.

Has de ter santa paciencia:
Apanhas como um ladrão !

SAMPAIO, *fugindo, aparte.*

Elle me quer limpar a roupa!

BARNABÉ', *aparte.*

O fanfarrão tremendo está!

(*Alto, avançando.*)

Fazer-te quero n'uma sopa!

SAMPAIO, *fugindo.*

Adeus, e fique-se por cá!

(*Barnabé agarra-o pelas barbas, que lhe ficam na mão.*)

BARNABÉ'.

Heim? Deixou de ser barbado!

SAMPAIO.

Bico! bico por quem é!...

BARNABÉ'.

Que vejo? O subdelegado!

SAMPAIO, *aparte.*

Conheceu-me! Passo o pé!

(*Vae fugir.*)

BARNABÉ'.

E eu cá sou o Barnabé!

SAMPAIO, *voltando.*

O Barnabé!

JUNTOS.

Ah! ah! ah! ah! ah! ah!
 Estou apavorado!
 Caso mais engraçado
 De certo que não ha!
 Ah! ah! ah! ah! ah! ah!

SAMPAIO. — Mas como pôde isto ser? Eu suppunha-o preso!

BARNABÉ. — Preso não estou; estou apenas surpreso!
(Lembrando-se.) Mas... oh, meu Deus!... dar-se-á
 caso que vossa senhoria queira catrafilhar-me outra vez?
 Acredite que estou innocente!...

SAMPAIO. — Descance. Folgo até de encontral-o aqui.

BARNABÉ. — Porque?

SAMPAIO. — Quer me parecer que nós somos enganados...

BARNABÉ. — Vossa senhoria, quando diz „nós“, falla como
 autoridade, ou refere-se a mim também?

SAMPAIO. — Fallo como barbeiro. Vejamos se alguém nos
 ouve... *(Sobem a scena e observam, um á direita,
 outro á esquerda. Sampaio põe as barbas.)*

BARNABÉ. — Sr. subdelegado, onde está vossa senho-
 ria? Ah! Cá está! Com as barbas já não o conhecia! *(Clarinha
 apparece ao fundo e ali se conserva.)*

SCENA V

Os mesmos, CLARINHA.

SAMPAIO. — Ninguém.

BARNABÉ. — Ninguém também por este lado...

CLARINHA, *aparte*. — Heim?...

SAMPAIO. — Este meu disfarce não o admira?

BARNABÉ. — De certo...

SAMPAIO. — Pois foi sua noiva quem me aconselhou que o
 arranjasse.

BARNABÉ. — Clarinha?

CLARINHA, *aparte*. — Meu nome?...

SAMPAIO. — Ella escreveu-me...

BARNABÉ. — A vossa senhoria?...

SAMPAIO. — Para dizer-me e provar-me que a Chica Valsa me engana... Agora não vá dar com a lingua nos dentes... Eu sou viuvo e tenho tres filhas solteiras...

CLARINHA, *aparte*. — E' o Sampaio! E' o Barnabé solto!

BARNABÉ. — Mas Clarinha não está presa? Não está embrulhada n'estes negocios da leitura do *Imparcial*?

SAMPAIO. — Não, tolo: a Clara não está embrulhada...

BARNABÉ. — Esta embrulhada é que não está clara!

SAMPAIO. — Foi ella que lhe arranjou aquella prisão; que lhe metten a pulseira no bolso!

BARNABÉ. — Ella!...

SAMPAIO. — Queria desfazer-se de você!

BARNABÉ. — De mim?!

SAMPAIO. — Aqui para nós que ninguem nos ouve: aquella sua noiva não é lá muito boa peça...

CLARINHA, *aparte*. — Ah!

BARNABÉ. — Clarinha! um anjo de innocencia e de candura!

SAMPAIO. — Você é um bolas, seu Barnabé!

BARNABÉ. — Chame-me vossa senhoria o que quizer... para mim é o mesmo... mas não diga mal da pobresinha! Hei de defendel-a, emquanto puder, contra tudo e contra todos!

SAMPAIO. — Que lhe faça bom proveito!

BARNABÉ. — Ella! Tão bonita, tão boa, tão amavel, tão honesta!

CLARINHA, *aparte*. — Pobre rapaz!

SAMPAIO. — E se eu lhe provar que ella está cá?

BARNABÉ. — Ella quem? Clarinha? Aqui?!...

SAMPAIO. — Olhe, ouça: vamos percorrer a festa, e, se a encontrarmos, desejo que ella não me conheça. Quero observal-a, afim de saber com que fim me escreveu...

CLARINHA, *aparte*. — Ah! tu não queres ser conhecido? (*Vae-se*).

BARNABÉ. — Ella? ella? Decididamente fico idiota!

SAMPAIO. — Siga-me, digo-lhe eu; mas, quando a virmos, não falle. Evitemol-a, sem a perder de vista. (*Clarinha cantorola no bastidor*.) Uma voz de mulher!

BARNABÉ. — Ai! meu Deus!

SAMPAIO. — Quem é?

BARNABÉ. — E' ella! é ella!

SAMPAIO. — Ella!... (*Levando-o para um canto*.) Deixe-mol-a passar! (*Clarinha entra, sempre cantorolando, e*

depois de percorrer o fundo, aproxima-se dos dous e finge que se assusta).

CLARINHA — Ui! Os senhores metteram-me um susto!

BARNABÉ — Pois que! é...

SAMPAIO, *dando-lhe um empurrão*. — Cale-se!

CLARINHA — Ah! desculpem... não os conheço. Estão aqui para a grande questão, não é assim?

SAMPAIO, *disfarçando a voz*. — Que questão?

CLARINHA. — Trata-se de mim..

SAMPAIO. — Ah! trata-se da senhora?

CLARINHA. — De mim, Clarinha Angú.

BARNABÉ, *aparte*. — E como está vestida!

SAMPAIO. — Ah! a senhora é...

CLARINHA. — Imagine o senhor que me queriam casar com um homem, oh! um homem de bem às direitas...

BARNABÉ, *aparte*. — Ah!

CLARINHA. — Mas tolo...

BARNABÉ, *aparte*. — Eh!

CLARINHA — Um coração invejável, um caracter como poucos...

BARNABÉ, *aparte*. — Ih!

CLARINHA. — Um bom rapaz, enfim...

BARNABÉ, *aparte*. — Oh!

CLARINHA. — Mas, como já disse, tolo o que se pôde chamar tolo!...

BARNABÉ, *aparte*. — Uh!...

TERCETTO.

CLARINHA.

Está na conta o Barnabé
Para ser irmão ou amigo;
Porém meu ideal não é...
Não ha de se casar commigo!

BARNABÉ.

Céos! ella o que dizendo está!

SAMPAIO.

Je comprends ça, je comprends ça!

CLARINHA.

Muito me custa vel-o afflicto,
Mas eu a outro amava já....

BARNABE'.

A outro!

CLARINHA.

Muito mais bonito!

SAMPAIO.

Je comprends ça, je comprends ça!

BARNABE'.

Ah, meu Deus! cambaleio!
No chão vou já cahir!

CLARINHA.

Mas o meu namorado, creio,
Está pensando em me trahir!
Ahi está o mysterio
Que devo desvendar!
E' esse o caso serio
Que tem-me feito suar!

OS TRES.

Ahi está o mysterio
Que { deve desvendar!
 { devo
E' esse o caso serio
Que { me tem feito suar!
 { a

CLARINHA.

Sabem vocês quem é a Chica Valsa,
Que vive os homens a enganar?

BARNABÉ.

Sim, eu...

SAMPAIO.

Não sei.

CLARINHA.

Foi uma amiga falsa,
Mas eu a vou desmascarar :
Certo amante muito arruinado
Cedeu lugar ao macacão
Sampaio, o tal subdelegado...

SAMPAIO.

Ao macacão !

BARNABÉ, *aparte*.

Toma lá, meu vilão !

CLARINHA.

O macacão tudo lhe dá,
Mas a Chica é mulher leviana :
Com o seu antigo amante, olá !
O s'or subdelegado engana !

SAMPAIO.

Céus ! ella o que dizendo está !

BARNABÉ.

Je comprends ça, je comprends ça !

CLARINHA.

Essa mulher da pé virada
Eu sei que considera já
O Sampaio um paio e mais nada!

BARNABÉ.

Je comprends ça, je comprends ça!
Ah, meu Deus! cambaleio!
No chão vou já cair!

CLARINHA

E' c'o meu namorado, creio,
Que a Chica o seu conta illudir!
E ahi está o mysterio, etc.

SAMPAIO. *tirando as barbas.*

Olá! eu sou o subdelegado!

CLARINHA.

Já disse sei!

SAMPAIO.

Já sabe então?

CLARINHA.

Olé!

BARNABÉ.

E eu cá sou...

CLARINHA.

O senhor Barnabé.

BARNABÉ.

Sabia então?

CLARINHA.

Ora se não!

FAMPAIO.

Vingança eu vou tomar!

CLARINHA.

Vae tudo transtornar!
D'aqui afastemo-nos já!*(Sobe ao fundo).*

Céus! é Bitá que alli está!

OS DOIS.

Bitá!

CLARINHA, *descendo*.Vingança!
Vingar-me é a minha esperança
P'ra vingar-me um bello dia
D'esse grande lhaguelhê,
Eu capaz até seria . .*(A Barnabé.)*De casar-me com você!
Venham cá!
Venham já!
Vocês vão conhecer-me,
E dizer-me
Depois,
"Tens talento por nós dois"!

OS DOIS

Vamos lá!
Vamos já!
Vamos lá conhecê-la,
E dizer-lhe depois:
"Tens talento por nós dois"!*(Saem.)*

SCENA VI

BITU', *entrando do fundo.*

Eis-me emfim na festa do Espirito-Santo, o unico espirito que ha n'esta terra, não fallando no engarrafado e no meu. Como me bate o coração! A Chica escreveu-me, pedindo-me uma entrevista para hoje, ás nove horas, aqui! E' esquisito! Uma entrevista em Maria Angú, quando na Côte não nos faltava sitio... Ella, emfim, lá tem as suas razões...

SCENA VII

BITU', CHICA VALSA.

CHICA VALSA, *vestida de preto e de véo espesso.* — Emfim te encontro!

BITU'. — Acho-te emfim!

CHICA VALSA, *levando as mãos ao peito.* — Estou com o coração nas mãos...

BITU'. — Não! estás com as mãos no coração.

CHICA VALSA. — Obrigas-me a fazer coisas...

BITU'. — Que receias tu?

CHICA VALSA. — Estou exposta a tanto! Podia ser alguma cilada... Mas, emfim, cá estás; estou mais socogada. Fiz tudo o que me recommendaste em tua carta.

BITU'. — Em minha carta?

CHICA VALSA. — Que tal achas este vestuario de viuva? Não é assim que querias?

BITU'. — Que eu queria, como? Não te entendo!

CHICA VALSA. — Pois tu, a quem não via desde aquella noite fatal, em que brigámos por causa da Clarinha Angú, não me escreveste hontem...

BITU'. — Eu?

CHICA VALSA. — ... dizendo que me achasse aqui, na festa do Espirito-Santo, ás nove horas, assim vestida?... Achei o lugar esquisito, quando na Côte poderíamos fazer as pazes!

BITU'. — Mas foste tu quem escolheste o lugar, bemzinho.

CHICA VALSA. — Eu, meu amor?

BITU'. — Tu, meu coração ; nesta cartinha que já sei de
cór e salteado !

CHICA VALSA. — Uma cartinha que eu te escrevi ! Eu ! ?...

BITU'. — Estás arrependida ?

CHICA VALSA. — Queres divertir-te á minha custa ?

BITU'. — Já te não lembras ? N'esse caso ouve lá ! (*Lê a carta*).

DUETTO.

“Qu'rido Bitú que se esqueceu de mim,
E' meu amor amor sem fim !
Eu devo confessar, nhô-nhô, que ao fazer desta
Padece o peito meu, e a causa d'isso és tu !
Hoje, ás nove da noite, espero-te na festa,
Lá em Maria Angú.
Apaga-me esta chamma,
Suffoca-me estes ais,
E não te esqueças mais
D'esta infeliz que te ama.”

CHICA VALSA.

Assigna-se quem ?

BITU'.

Vê : “Chica Valsa”.

CHICA VALSA.

Traição !

BITU'.

Esta firma é falsa ?
A carta que aqui está
Tua não é ?

CHICA VALSA.

Ouve lá !

(*Lendo outra carta que tira do seio*).

" Não passo de um jornalista da roça,
Sem ter futuro, sem ter posição,
Mas, meu amor, por ti sinto paixão;
Viver sem ti não supponhas que eu possa!

Longe, lá em Maria Angé,
Ha hoje a festa do Espírito-Santo.
N'esse poetico recanto,
Meu doce amor, não queres tu,
Fingindo ser senhora viuva,
De capa preta, véo e luva,
Ir encontrar o teu Bitú?
Como eu presumo que me adoras,
Sem falta, amor, contigo conto.
Se tu não vens ás nove horas
Eu me mato ás dez em ponto!"

BITU'.

Isto por artes só de Belzebú!
E assigna quem?

CHICA VALSA.

Vê: "Angelo Bitú".

AMBOS.

Que cilada aqui se armon!
Eu envergonhad^o _a estou!...

CHICA VALSA.

Fugir! Fugir, se é tempo ainda!

BITU'.

Não!... Para que?
Aqui fique você!
Minha Chica, tu és tão linda!
Oh! eu te adoro!... O meu segredo ahi está!
Ninguém o saberá!

SCENA VIII

TODOS OS PERSONAGENS D'ESTE ACTO.

*(Todos, ao fundo, ouviam as ultimas palavras de
Chica e Bitú.)*

CORO.

Ah! ah! ah! ah!
Segredo, olá!
Que todo o mundo sabe já!

BITU'.

Esta senhora é muito minha!
Qu'remos passar!

CLARINHA, *apparecendo.*

Mais devagar!

TODOS.

Clarinha!...

CLARINHA.

I

Estás ahi, Chica Moraes?
Tem paciencia: ouvir-me vaes,
Pois me fizeste, por traição,
Ir ter c'um velho solteirão!
O' coisa ruin, nao julgues tu
Que eu chore a perda do Bitú,
Canalha vil que a quem mais der
Vende o jornal, vende a mulher!
Com elle pódes tu ficar!
Luvras te devo até pagar!
Livre fiquei, graças ao céu,
De semelhante chichisbéo!

A mão lhe dá de esposa
E o mundo então dirá:
Não é lá grande coisa,
Mas casada está!

CORO.

Que tal a rapariga?
Arrasa o seu Bitú!
Não ha que se lhe diga!
Bem mostra ser Angú!

CHICA VALSA

H

Estás ahí, Clarinha Angú?
Ouve tambem agora tu,
O' donzellinha que, a fallar,
Um batalhão fazes corar!
Não te faz conta o meu Bitú,
Porque o prender não pódes tu;
Se elle aceitasse o teu amor,
Tu lhe darias mais valor...
Porém sabendo ficarás:
Não faço empenho no rapaz;
Casem-se, e não mostres assim
Tão negra inveja ter de mim!
A mão lhe dá de esposa, etc.

(As duas chegam a vias de facto; Sampaio vae separal-as e apanha bordoada).

SAMPAIO, a Chica Valsa.

Um bofetão me pespegou, senhora!

CHICA VALSA.

Quem é você? Não me dirá?

A FILHA DE MARIA ANGU

SAMPAIO, *tirando as barbas.*

Não me conhece agora?

CHICA VALSA.

Tambem você? Ah! Ah! Ah! Ah!

TODOS.

Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!...

SAMPAIO, *furioso.*

'Stou zangado!
'Stou damnado!
Vou de colera saltar!
O' senhora,
Sem demora
Vamos contas ajustar!

BITU'.

A Chiquinha
Só é minha!
Não a póde maltratar!
Meu amigo,
Só comnigo
Terá contas que ajustar!

OS OUTROS.

Mas que é isto?
Jesus-Chisto!
Não precisam disputar!
Tudo agora
Sem demora
Vae-se, vae-se elucidar!

(Confusão geral).

CLARINHA.

Cesse o rumor! basta de bulha!

(*A Chica Valsa.*)

Dá-me a tua mão!

CHICA VALSA.

Pois queres apertar...

CLARINHA.

Não faças caso: isto foi pulha!
Não deve a gente se zangar!

CHICA VALSA, *apertando a mão de Clarinha.*

Pois bem!

SAMPAIO.

Mas ouçam cá!

CLARINHA, *a Sampaio.*

N'este momento

O que de melhor vae fazer,
Pr'a reputação não perder,
E' aceitar-a em casamento!

CHICA VALSA.

E eu dou-lhe o meu consentimento!
Em casa do juiz agora um baile invento!

(*A Sampaio.*)

Queira-me acompanhar.

(*Entra na casa do juiz da festa acompanhada por Sampaio.*)

CORO.

O que irá ella alli buscar?

BARNABÉ', *a Clarinha, que tem estado a chorar*

Que vejo! Choras tu, Clarinha?

CLARINHA.

Eu não...

BARNABÉ'.

Tu sim, que vendo estou!

CORO.

Então tu choras?

CLARINHA, *enxugando os olhos.*

Já passou!

BITU'.

Arrependeu-se a sinhasinha?
Oh! se assim foi, eu lhe offereço a mão!

CLARINHA.

Você não me conhece, não!
De raiva é que é este choro!
De raiva é que isto é!
Perdi o meu thezouro!
Perdi o Barnabé!

(Estendendo a mão a Barnabé, sem olhar para elle).

Pois se eu lhe disser: "Toca",
Elle é capaz, até,
De offerecer-me em troca,
Em vez da mão... o pé...

BARNABÉ', *tomando-lhe a mão com amor.*

Eu te juro
E rejuro
Pelas cinzas de meu pae,
O' Clarinha,
Vida minha,
Que o passado já lá vae!

CÔRO.

Que nobreza!
Que franqueza!
Que vergonha p'r' o Bitú!
Que barbeiro
Cavalheiro!
Casa-se Clarinha Angú!...

BITU', *aparte.*

Ah! lá se vae o meu amor
Como a mamã, porém, fará!...
O que fôr
Soará...

CHICA VALSA, *voltando, acompanhada por Sampaio.*

Eu convido este illustre auditorio,
P'ra na casa dansar do julz!

BARNABÉ'

Ai, meu Deus! como eu sou feliz!
Vou celebrar o meu casorio!

CHICA VALSA.

Pois vae casar-se mais alguem?
Quem?

CLARINHA.

De Maria Angú
A filha é noiva de Barnabé!
Sou Clarinha Angú!
Filho de peixe peixinho é!
Olhem cá!
Vejam lá!
Sou Clarinha Angú!

CORO.

De Maria Angú!
A filha é noiva de Barnabé!
E' Clarinha Angú!
Filha de peixe peixinho é!
Olhem cá!
Vejam lá!
E' Clarinha Angú!
